



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MÔNIELLY SILVA DE MEDEIROS

**REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E LEITOR NOS ROMANCES “OURO
DENTRO DA CABEÇA” E “O VOO DA GUARÁ VERMELHA”, DE MARIA
VALÉRIA REZENDE**

CAMPINA GRANDE

2021

MÔNIELLY SILVA DE MEDEIROS

**REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E LEITOR NOS ROMANCES “OURO
DENTRO DA CABEÇA” E “O VOO DA GUARÁ VERMELHA”, DE MARIA
VALÉRIA REZENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação de Letras-Português, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Letras-Português.

Área de concentração: Estudos socioculturais pela Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães.

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488r Medeiros, Monielly Silva de.
Representações de leitura e leitor nos romances "Ouro dentro da cabeça" e "O voo da guará vermelha", de Maria Valéria Rezende [manuscrito] / Monielly Silva de Medeiros. - 2021.
65 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Análise literária. 2. Leitura . 3. Leitor. I. Título
21. ed. CDD 801.95

MÔNIELLY SILVA DE MEDEIROS

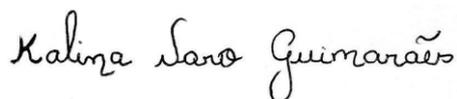
REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E LEITOR NOS ROMANCES “OURO
DENTRO DA CABEÇA” E “O VOO DA GUARÁ VERMELHA”, DE MARIA VALÉRIA
REZENDE

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado à Coordenação de Letras-
Português, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Graduada em Licenciatura em Letras-
Português.

Área de concentração: Estudos socioculturais
pela Literatura.

Aprovado em: 25/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães
(Orientadora DLA – UEPB)



Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
(DLA – UEPB)



Me. Bruno Santos Melo
(Doutorando PPGLI – UEPB)

À minha família, pelo apoio,
companheirismo e amizade.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho, como o que me levou a produzi-lo, o amor à leitura, é fruto de reflexões e também do apoio de pessoas, que me incentivaram e estiveram comigo durante toda a graduação ou até mesmo durante a minha “longa” vida de 23 anos. A elas todo o carinho e afeto que depus em cada uma de suas linhas.

Inicialmente, dedico essa pesquisa à minha família. Minha mãe, mulher forte, que está comigo em todos os momentos, me apoiando em todas as minhas escolhas. Meus irmãos, Mickael e João, motivos de muitas alegrias, da minha saudade da infância, da vontade de ser sempre melhor e dar a vocês o orgulho que sinto de cada um, todos os dias. Obrigada por manterem a criança viva em mim. E ao meu pai, agradeço por toda a sua história, seu trabalho e vontade de nos proporcionar sempre o melhor. Mesmo não o tendo mais aqui, a sua lembrança me incentiva sempre a não esquecer quem eu sou. Amo vocês.

Dedico também aos meus familiares paraibanos, que me acolheram como a uma filha – que agora tem várias casas. À vovó Maria e vovô João que não dormem enquanto eu não chegar, a tia Madna e Magnólia que sempre tem boas histórias para contar, aos tios Cristiano, Patrício e Marcelo que também tem sempre bons conselhos. A todos os primos que me incentivam a buscar um futuro melhor.

Quero lembrar também de todos os meus amigos que estando longe ou perto nunca deixam de se fazer presentes, em especial Jadna Alana, minha companheira de estágios, relatórios e vida, e Otaíza, Lucas e todos os amigos que me acompanham desde o início da graduação e estão dispostos a me ouvir nos dias de luta e de glória.

Por fim, dedico esse trabalho a todos os professores que me ajudaram a ser quem sou hoje, seja juntando letras, calculando expressões numéricas ou compreendendo fatos históricos, a cada um que me guiou e me inspirou a levar conhecimentos e experiências para mais pessoas. Dedico em especial à professora Ludmila, que me auxiliou na introdução como pesquisadora, à Amasile e Kalina que me permitiram, junto ao projeto “Nas Asas da Leitura”, compreender a importância de levar a leitura para a sala de aula e à Ana, que é o semblante da calma e, mesmo nos momentos mais difíceis, jamais deixou de acender no coração de cada aluno o amor pela Literatura. Obrigada a todos vocês.

“Lembre-se de quem você é.” (O Rei Leão. 1994)

RESUMO

Nesta pesquisa, pretende-se analisar as representações da leitura e do leitor construídas nos romances “O voo da guará vermelha” (2014) e “Ouro dentro da cabeça” (2016), da escritora Maria Valéria Rezende. Focaliza-se a construção do leitor e a posição que a leitura ocupa nos enredos, tendo em vista as relações sociais, políticas e históricas que cercam a trama e as personagens selecionadas para análise, a saber: Rosálio, Irene e Marílio. Nesse contexto, traz-se para a cena discursiva a aprendizagem da leitura e as concepções dos modos de ler que incidem na formação da identidade da personagem-leitor em cada obra, de modo comparativo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, tendo como objeto de análise as duas obras em questão. O escopo teórico utilizado fundamenta-se nas ideias de Rildo Cosson (2018), Regina Zilberman (2001), Freire (1989), Jouve (2002), Petit (2012), Valentin Volóchinov (2017), entre outros. Ao final do trabalho, evidencia-se que as obras apresentam concepções de leitura e leitor em comum, baseadas numa perspectiva social, cultural, humanizadora e libertadora, que defende a leitura literária como linguagem importante no processo de construção do sujeito crítico e consciente de si e do mundo.

Palavras-chave: Leitura. Maria Valéria Rezende. O Voo da Guará Vermelha. Ouro Dentro da Cabeça.

RESUMEN

En esta investigación, se pretende analizar las representaciones de la lectura y del lector construidas en las novelas "O voo da guará vermelha" y "Ouro dentro da cabeça", de la escritora Maria Valéria Rezende (2014; 2016). Se enfoca la construcción del lector y la posición que la lectura ocupa en los enredos, teniendo en cuenta las relaciones sociales, políticas e históricas que rodean la trama y los personajes seleccionados para análisis, a saber: Rosálio, Irene y Marílio. En ese contexto, se trae a la escena discursiva el aprendizaje de la lectura y las concepciones de los modos de leer que inciden en la formación de la identidad del personaje-lector en cada obra, de modo comparativo. Se trata de una investigación bibliográfica y documental, cuyo objeto de análisis son las dos obras en cuestión. El alcance teórico utilizado se fundamenta en las ideas de Rildo Cosson (2018), Regina Zilberman (2001), Freire (1989), Jouve (2002), Petit (2012), Valentin Volóchinov (2017), entre otros. Al final del trabajo, se evidencia que las obras presentan concepciones de lectura y lector en común, basadas en una perspectiva social, cultural, humanizadora y liberadora, que defiende la lectura literaria como lenguaje importante en el proceso de construcción del sujeto crítico y consciente de sí mismo y del mundo.

Palabras clave: Lectura. Maria Valéria Rezende. O voo da guará vermelha. Ouro dentro da cabeça.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Capa.....	33
Figura 2 – p. 19	33
Figura 3 - p. 20.....	34
Figura 4 - p. 86.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Conceitos de Leitura	12
2.2 Conceitos de Dialogismo e Polifonia	26
3 AS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E LEITOR EM “OURO DENTRO DA CABEÇA”	29
3.1 Enredo	29
3.2 Representações de leitura	30
3.3 Representações de leitor	38
4 AS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E LEITOR EM “O VOO DA GUARÁ VERMELHA”	44
4.1 Enredo	44
4.2 A representações de leitura	45
4.3 Representações de leitor	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PERCURSO DIALÓGICO ENTRE MARÍLIO E ROSÁLIO	53
REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

A leitura está presente em grande parte da vida humana na modernidade: em escolas, empresas, serviços públicos ou privados, exigindo que sejamos leitores sempre mais eficientes e adaptáveis a situações diversas. Tendo em vista a importância da capacidade leitora na atualidade, percebemos a dificuldade de engajamento social das pessoas que não a dominam.

Refletindo sobre a leitura no cotidiano humano, deparamo-nos com a representação constante desse tema nas obras de Maria Valéria Rezende, autora que nos faz discutir acerca do papel da leitura, especialmente a literária, e da educação na vida de suas personagens, mostrando como a transformação destas figuras decorre da apropriação da cultura letrada. Nos seus textos, a autora utiliza uma linguagem sensível e simples, que dialoga com a cultura popular, o que permite o acesso a diversos públicos. Enquanto defende a popularização da leitura para a construção de uma sociedade menos injusta e desigual, Rezende constrói mundos e personagens nos quais alguns caminhos e escolhas sobre a vida têm relação com o saber e o uso social da leitura e da escrita.

Maria Valéria Rezende nasceu na cidade de Santos – SP, porém vive a maior parte da sua vida em João Pessoa – PB, tendo já recebido o título de cidadã paraibana. Após terminar o curso Normal, se formou em Língua e Literatura Francesa, Pedagogia e Sociologia, atuou em projetos de alfabetização organizados por Paulo Freire e grupos de incentivo a escritores. Após publicar o seu primeiro livro, “Vasto Mundo” (2001), aos 60 anos, a autora já foi semifinalista do Prêmio Portugal Telecom e ganhou o Selo Altamente Recomendável, FNLIJ em 2007, além de ser vencedora do Prêmio Jabuti nos anos de 2009, 2013, 2015 e 2017 com as obras “No risco do caracol”, “Ouro dentro da cabeça”, “Quarenta dias” e “Outros cantos”, respectivamente.

Podemos, então, fazer uma breve contextualização sobre algumas de suas obras. Se em “Outros Cantos” (2016), Rezende retrata a ida de uma professora a um povoado afastado em busca de ensiná-los a conhecer as letras, em “O voo da guará vermelha” (2014) e “Ouro dentro da cabeça” (2016), aborda a busca do personagem protagonista pela leitura das palavras e, conseqüentemente, do mundo que o cerca, visando uma evolução pessoal. Nos três casos, a leitura e o aprendizado se mostram como o eixo que dá sentido à narrativa.

Como resultado dessa reflexão, decidimos empreender um estudo das obras “Ouro dentro da cabeça” e “O voo da guará vermelha”¹ por tratarem a questão da leitura de maneira muito próxima: ambas apostam na sua importância para a evolução do personagem-leitor, sobretudo Marílio e Rosálio, dois homens que percorrem caminhos em comum em busca de aprender a ler.

Em “Ouro dentro da cabeça”, Marílio narra diretamente para o leitor as histórias de suas andanças em busca de uma escola que pudesse ensinar um adulto a arte das letras. Enquanto vai de cidade em cidade, passa por diversas experiências de emprego e constrói um arsenal de enredos que narra oralmente para aqueles que querem escutá-lo. No entanto, sua maior vontade é aprender a ler, para que possa desvendar os mistérios dos livros recebidos do amigo Pajé e que lhe acompanham onde quer que vá.

Já em “O voo da guará vermelha”, Rosálio conta suas vivências para Irene, uma prostituta que vê no homem uma companhia agradável com quem pode contar e passar o restante de seus dias, que estão contatos devido à doença que possui. O personagem vai do local de trabalho para o quarto da mulher constantemente, que o ensina a ler e a escrever em troca de ouvir as histórias que ele tem a contar. É interessante notar que as narrativas de Rosálio se assemelham às contadas por Marílio na obra citada anteriormente, porém, contextualizadas e inseridas em um novo ambiente.

Norteados por esta presença demarcada do leitor-personagem e da sua importância nas obras, definimos, então, como impulsionadora da nossa pesquisa a seguinte problemática: como ocorre a representação da leitura e do leitor nos romances “Ouro dentro da cabeça” e “O voo da Guará Vermelha”, da autora Maria Valéria Rezende? Para respondê-la, partimos da hipótese de que essa representação ocorre nas duas obras de maneira construtiva, dialógica e polifônica, pois, em ambas, existe a personagem que encontra maior autonomia, emancipação, liberdade, criticidade e consciência de si por meio da leitura, além de se construir conscientemente como sujeito múltiplo, resultado de todas suas vivências.

Além da análise narrativa, observaremos criticamente as ilustrações que também constituem o texto “O ouro dentro da cabeça”, pois elas acrescentam, reelaboram e ampliam,

¹ A escolha do corpus se deveu à proximidade entre os percursos de Marílio e Rosálio, pois estes personagens saem do local em que nasceram em busca do ensino letrado, enfrentam diversos obstáculos no caminho e, por fim, encontram a leitura onde menos era esperado: na idosa mendiga Velha Naná e na prostituta Irene. Dessa maneira, diversos aspectos aproximam os personagens, tornando possível o diálogo entre as obras.

com seus traços, cores e símbolos, os sentidos do romance. Assim, a ilustração enriquece o texto verbal, pois sua presença extrapola a função meramente figurativa.

Nessa perspectiva, o objetivo geral desse estudo é investigar a representação da leitura e do leitor nos dois romances. Para alcançar tal objetivo, visamos investigar o conceito de leitor e leitor-personagem do ponto de vista teórico; conhecer as concepções de leitura e leitor mais recorrentes; e comparar as noções de leitura e leitor existentes nas duas obras analisadas.

Em relação à metodologia, esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, definida por Severino (2007) como uma pesquisa que se refere de maneira mais enfática aos fundamentos epistemológicos que às especificidades metodológicas, em oposição à abordagem quantitativa, que preza pela contagem matemática dos dados obtidos. Quanto ao método, utilizamos a análise de conteúdo, compreendida como uma “metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens” (SEVERINO, 2007, p. 121). Nesse estudo, o tratamento de dados ocorrerá em duas obras literárias escritas, de maneira analítica e comparativa.

Em relação à natureza das fontes utilizadas, a pesquisa pode ser definida como bibliográfica, porque se utiliza de material de pesquisas anteriores no aporte teórico e documental.

Temos como justificativa dessa pesquisa a evidente necessidade de conhecer a imagem do leitor-personagem, figura presente em muitas obras da literatura mundial, como “Madame Bovary”, “As Mil e uma noites”, “Dom Quixote”, entre outros, mas, dessa vez, em duas obras de autoria feminina, nacional e contemporânea, traços marcantes e que tornam a escritora representante de mais de um grupo social reconhecido como minoria. Constatamos também que o número dos estudos feitos acerca das duas obras é muito reduzido, assim como a existência de pesquisas sobre a representação da leitura presente nas obras da autora em questão. Soma-se a isso, a relevância da presença do leitor-personagem e sua influência na construção da narrativa, afinal, ele não só estabelece uma relação de identificação no leitor, mas estimula a reflexão sobre a importância da leitura e da literatura em nossas vidas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudos acerca da leitura são vastos e apresentam muitos aspectos interessantes e passíveis de análise. A fim de expor os principais pontos, trazemos nessa pesquisa algumas visões sobre a leitura e de sua influência da vida do leitor e da sociedade como um todo. Em seguida, fazemos uma breve explanação acerca do dialogismo e da polifonia, visando construir uma ponte entre essas temáticas e a visão de leitura defendida nesse trabalho: ativa e dialógica.

2.1 Conceitos de Leitura

A leitura é vista, no decorrer da história, sob diferentes formas. No entanto, em cada uma delas, apresenta o caráter potencial de permitir que o leitor conheça algo, seja histórias, segredos, mistérios ou habilidades. Tais características são atribuídas ao ato de ler pois, a capacidade humana de compreender textos foi e é ainda associada à habilidade de decifrar códigos, enunciados e, talvez assim, ter acesso a conhecimentos que são construídos apenas através da leitura.

Porém, compreende-se que ela carrega muitos outros sentidos e significados além da decifração de letras e de suas relações sintáticas. Ela exige de nós a capacidade de interação com o texto, atitude que pode ocorrer apenas de forma ativa. Dessa forma, "É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto" (KLEIMAN, 1995, p. 13) Assim, afirma-se o caráter complexo da leitura, que advém da inter-relação e interdependência entre os diversos níveis de conhecimento citados.

Dessa forma, evidencia-se que o ato de leitura depende uma série de conhecimentos prévios, entre eles está o linguístico, sem o qual seria impossível compreender as palavras. No entanto, devemos entender que a construção do conhecimento linguístico não ocorre de maneira apartada do processo de leitura, mas estabelece uma relação de cooperação e parceria, pois, se por um lado, precisamos ler as letras, palavras e frases para compreender o sistema linguístico; existe, por outro, a necessidade de também conhecer a língua para se fazer leituras mais completas, profundas e críticas dos textos. A união de pequenas unidades textuais é capaz de produzir efeitos diversos no leitor, que pode aumentar o seu campo de

compreensão textual conforme adquira mais familiaridade com os vários aspectos e peculiaridades constituintes da língua.

Tais peculiaridades contribuem não apenas para a leitura propriamente dita do texto, mas também de maneira muito importante para a possibilidade de levantamento de dúvidas, hipóteses e questionamentos. Segundo Kleiman:

Quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão, pois, [...] o conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso determinará, em grande medida, suas expectativas em relação aos textos, expectativas estas que exercem um papel considerável na compreensão. (KLEIMAN, 1995, p. 20)

Salienta-se que o conhecimento linguístico e a leitura podem produzir significados diversos e produtivos quando são entrelaçados, afinal, compreender a linguagem é essencial para quem se dispõe a ler e reconhecer na decifração uma forma de acessar não apenas o código, mas também as diversas formas de ler o texto e, conseqüentemente, o mundo.

Todavia, o saber linguístico não é o único pré-requisito ativado durante a leitura. Nela, o leitor percebe também os seus conhecimentos prévios de mundo, sensações, lembranças, pessoas que conheceu, sonhos e diversos outros aspectos que permitem que a leitura tenha algum sentido em relação à sua vida. De acordo com Kleiman (1995), a leitura não pode ser reduzida a um simples passar de olhos pelas letras, uma forma de se preencher com as palavras, mas implica uma atividade de reconhecimento, levantamento de hipóteses, questões, identificação ou não com as situações narradas, com as personagens e suas escolhas, de ativação dos conhecimentos de mundo que o leitor constrói durante sua vida.

Na literatura, a identificação com os personagens está associada não apenas à construção feita pelo autor, mas a toda carga histórica, social e emocional que o leitor possui. Identificar-se com a obra a torna potencialmente transformadora, pois possibilita que o indivíduo construa com os personagens e suas histórias sentimentos e conclusões que talvez sejam inexistentes em sua realidade. Gisela Johann (2017), ao discutir sobre o sentimento de ciúme na obra “Querida”, de Lygia Bojunga, descreve como tal emoção é universal e tratá-la em uma obra literária aumenta a possibilidade de identificação nos leitores, pois esses sentimentos entrelaçam sentidos atuais e universais, ultrapassando as fronteiras culturais, de tempo e espaço.

Sobre a identificação, podemos citar também Vincent Jouve, ao discutir sobre a construção de Marat, Danton e Robespierre, personagens de Victor Hugo, afirmando que “Como personagens históricas, extraem consciência, em primeiro lugar, da cultura de cada

leitor. O romance, não podendo defini-los sozinho, se apoia no saber ‘histórico’ de seu público.” (JOUVE, 2002, p. 62) Ou seja, a leitura nunca se apresenta como obra finalizada pelo autor, pois a todo momento o leitor preenche o texto com suas interpretações, expectativas e sentidos.

Sobre essa interessante relação entre autor, texto e leitor, é importante notar como as três partes estão inter-relacionadas e dialogam entre si, afinal, o/a autor(a) escreve pensando nos seus possíveis leitores, construindo personalidades, situações, induzindo a construção de hipóteses que podem ser confirmadas ou negadas. Assim, o texto, resultado dessa construção, compreende grande parte das intenções do autor, mas o leitor adiciona a ele suas impressões pessoais, discorda de algumas ações e o ressignifica.

Acerca dessa relação, Geraldi (1984) afirma que:

o autor, instância discursiva de que emana o texto, se mostra e se dilui nas leituras de seu texto: deu-lhe uma significação, imaginou seus interlocutores, mas não domina sozinho o processo de leitura, atribuindo-lhe a sua (do leitor) significação. (GERALDI, 1984, p. 80)

Essa dominação, de certa maneira, incompleta sobre o texto por parte do autor, nos permite enxergar a leitura como resultado cooperativo e por isso mesmo nos induz a defender o processo da leitura como sendo dialógico, construtivo e sempre inacabado, pois permite que sejam feitas sempre novas leituras que resultam de diversos momentos históricos, sociais e culturais. Cada leitor, carregado de sua individualidade e historicidade, constrói para o texto novas significações que, a partir do que o autor cria, pode ganhar novas perspectivas.

Com isso, aumenta a sua potencialidade leitora ao compreender que pode agenciar os textos com os sentidos do mundo, entendendo, como afirma Cosson (2018), que a leitura é formada por muitas pessoas, épocas, contextos e vozes. Ao ler, o leitor está se conectando com outras vivências e pessoas por meio do enredo e da experiência leitora. Essa experiência só faz sentido quando o leitor está ciente de que sempre haverá nessas obras algo que poderá (re)construí-lo como ser humano.

É interessante notar que a interação entre autor e leitor através do texto não ocorre apenas com concordâncias e aceitação de ideias, muito pelo contrário. A leitura, quando realmente ativa, pode resultar em questionamentos, posicionamentos contrários e críticas, obtendo assim uma estrutura de diálogo, que às vezes sai do planejamento do enunciador. Acerca da potencialidade de tomadas de posições a partir do signo, Volóchinov (2017) disserta que:

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93)

Assim, tomando o texto também como signo, pode-se notar o seu caráter complexo, no sentido de nunca estar acabado, mas sempre permitir o diálogo entre o autor, o texto e o leitor. No ato da decifração, é interessante ressaltar que a subjetividade do indivíduo pode ser modificada pelo contato e pela compreensão da alteridade representada na obra.

Para Petit (2012), o sujeito não existe sem o outro, ou seja, sem referências, sem a troca de palavras ou experiências que permitam ao indivíduo se construir como sujeito e também parte importante da sociedade. Assim, o entender, visualizar o ponto de vista do outro, contribui para a evolução de si. Tal fato ocorre porque o sujeito leitor precisa se distanciar de si mesmo e observar o outro, precisa incorporar suas atitudes, às vezes se identifica, às vezes se distancia, mas de uma forma ou de outra ele as experiencia. De acordo com Bondía (2002):

O que a leitura permite, portanto, é a descoberta de sua alteridade. O 'outro' do texto, seja o narrador seja de uma personagem, sempre nos manda de volta, por refração, uma imagem de nós mesmos. (2002, p. 132)

Por fim, Zilberman (2001) traz uma concepção que podemos relacionar com as vistas anteriormente sobre a alteridade ativada na leitura, ao afirmar que conhecer os pensamentos alheios – aqueles das personagens – pode gerar no leitor não só a compreensão, mas também a alteração do que ele pensa. Dessa maneira, “a relação entre os dois sujeitos – o leitor e o texto – é basicamente dialógica.” (ZILBERMAN, 2001, p.52) e o diálogo, de acordo com Volóchinov (2017), engloba não apenas concordâncias entre os sujeitos do discurso, mas também embates e divergências.

Como consequência desse diálogo, os resultados podem ser diversos e inesperados, pois mesmo que o leitor construa hipóteses e pré-requisitos para a leitura, o texto é capaz de surpreendê-lo, de forma positiva ou negativa, através de sua trama, construção das personagens, das surpresas, da linguagem, etc. Sobre esse aspecto, podemos citar Vincent Jouve, ao afirmar que: “A interação que se produz na leitura é, portanto, sempre inédita. O sentido, longe de ser imanente, se apresenta como o resultado de um encontro: o do livro e do leitor.” (JOUVE, 2002, p. 102)

Acrescentamos a este aspecto da literatura a possibilidade de nos incorporarmos ao outro e reelaborarmos nossos conhecimentos e perspectivas, refazendo, ampliando,

deslocando nossa identidade. De acordo com Cosson (2018), “No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver com os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.” (COSSON, 2018 p. 17). Tal fato ocorre porque não só experienciamos a história e o personagem, mas vivenciamos essa experiência, acompanhando a narrativa, sentindo as dores e os desafios dos personagens.

Não se trata de uma mera observação, que tenha o intuito de conhecer, de aprender sobre determinado aspecto, mas sim de vivê-lo e experimentá-lo. Ao tratar sobre a experiência, é possível afirmar que ela “é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” (BONDÍA, 2002, p. 25). A partir dessa citação, trazendo-a para uma perspectiva literária, compreendemos que a vivência da literatura não ocorre somente a partir de seu estudo teórico e análise, mas também de todas as construções que são feitas a partir das vivências do leitor e da forma como elas influenciam nas expectativas do indivíduo.

Para Cosson (2018), “No sentido de que lemos apenas com os nossos olhos, a leitura é, de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário.” (COSSON, 2018, p. 27). Assim, a leitura parte de uma iniciativa individual de decodificar o texto, analisar seu sentido de acordo com as indicações deixadas pelo autor, mas tem o potencial de ir muito além dessa compreensão. Isto porque no processo de interpretação do texto são introduzidas mais opiniões e vozes, pois o diálogo abre espaço para que o leitor perceba criticamente aspectos sobre si e sobre o mundo que talvez em sua individualidade nunca seriam percebidos.

Sobre esse caráter crítico da leitura, Ângela Kleiman afirma que:

O senso crítico é definido como uma atitude de descrença, de ceticismo que faz com que exijamos evidências para as opiniões e idéias que são apresentadas, e que podem servir de base para a formação de opiniões e idéias próprias. Essa atitude implica, necessariamente, uma análise do texto prévia a qualquer discussão; pressupõe uma interação, um escutar o outro. (KLEIMAN, 1995, p. 76)

Assim, pensando na afirmação da autora, notamos que para a realização da leitura é necessário mais do que conhecimento linguístico e de mundo, é preciso também armar-se de criticidade e da certeza de que os discursos podem e devem ser refratados, refutados ou questionados e assim podem resultar em perspectivas diversas dependendo de cada leitor e de sua carga cultural, histórica e de vivências. Para o aprimoramento desses conhecimentos, a prática leitora parece ser o meio mais eficaz.

Por outro lado, a capacidade crítica do leitor não surge sem algum esforço, ela é aprimorada, instigada e tende a ser cada vez mais eficaz conforme o leitor se dedique não

apenas ao estudo de teorias sobre leitura, mas sim à leitura em si, ao debruçar-se sobre o texto. Dessa maneira, compreendemos que, como afirma Bondía (2002), a combinação teoria e prática, pensando aqui na leitura, se trata de uma perspectiva política e crítica.

A construção de uma visão crítica também se relaciona com as várias posições que o leitor pode ocupar no ato de descoberta do texto. Ele é levado de um ponto a outro, ora se distanciando de um personagem, ora aproximando-se dele, seja um herói, vilão ou narrador. Tais mudanças de visão são fundamentais para a construção da criticidade. Como afirma Jouve (2002), seja qual for a maneira que o indivíduo guie sua leitura, ele sairá dela muito mais consciente, devido à relação profunda com a ideia de alteridade existente na leitura.

Pensar sobre a leitura exige também uma reflexão acerca das várias formas e objetivos que os leitores tem ao ler algo, afinal, a maneira como cada pessoa compreende um texto se difere das outras, não apenas por seu conhecimento de mundo e vivências, mas também pelo que cada um busca obter em determinada leitura. Geraldi (1984) aborda quatro possíveis posturas ante o texto: a leitura como busca de informações, como estudo do texto, como pretexto e como fruição.

A primeira delas é bastante autoexplicativa e se refere ao ato de buscar puramente novos conhecimentos e informações na leitura. A segunda postura, além da busca de conhecimentos, visa também o estudo do texto propriamente dito, o que engloba características sintáticas, estruturais, relações que possam ser feitas entre a temática e as palavras, sua estética, etc. A terceira, bastante criticada quando se trata da leitura literária, faz uso do texto para estudar ou analisar algo extratextual, seja um ponto gramatical ou temático, sem atentar para a obra enquanto objeto estético.

Por fim, a leitura como fruição do texto é concebida como um processo sem a exigência de um resultado rápido ou objetivo contudístico específico. A leitura pode ser feita como forma de apreciação estética, buscando prazer ou deleite. Isso não exclui a possibilidade das outras demandas se misturarem, mas torna claro que ela pode ocorrer gratuitamente.

O caráter prazeroso que a leitura literária nos possibilita ter é mais do que uma simples característica, é sim um ponto essencial do texto literário e que o diferencia de textos informativos, jornalísticos, didáticos, etc. Na Literatura compreende-se o prazer como possibilidade, mas não como obrigatoriedade ou objetivo final. O prazer da leitura literária se

apresenta no caráter da descoberta, da busca de sentido e até mesmo na quebra e superação do horizonte de expectativas do leitor², como afirma Agiar e Bordini (1988).

O prazer tido com o texto literário é difícil de ser definido, porque não se enquadra de maneira passiva em conceitos teóricos pré-definidos. Ele ultrapassa a linha da leitura como busca de algum objetivo e se situa no âmbito também da arte, do estético, da observação e da necessidade de sentir-se satisfeito ou também insatisfeito, de ser aprovado ou contrariado em suas ideias. Segundo Roland Barthes, “O prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente romanesco, que o libertino aprecia no fim de uma maquinação ousada, ao fazer cortar a corda que o suspende, no momento em que atinge a fruição.” (BARTHES, 1973, p. 40).

Tal concepção sobre o prazer do texto realça a leitura como atitude também individual e feita por motivos pessoais, pela busca de respostas ou mesmo perguntas que auxiliem o sujeito a construir sua perspectiva sobre a vida. O prazer aqui se mostra como possibilidade da autonomia do leitor e da sua capacidade de questionar-se, evoluir e autoconstruir-se. Por essa característica autônoma, Barthes (1973) afirma que cada leitor possui o seu ritmo, intensidade e maneira de absorção dos sentidos do texto.

O autor destaca ainda a necessidade de comunicação entre prazer e fruição em um texto, em que o prazer se trata do que contenta o leitor, traz alegria, euforia e conforto cultural. Por outro lado, a fruição desestabiliza o leitor, tira-o da sua posição cômoda, fazendo-o questionar-se sobre seus gostos, características culturais, psicológicas, etc, sendo tal relação muito importante para a sua construção do leitor e possíveis reconstruções de seus conceitos.

Seja falando sobre prazer ou fruição, Barthes (1973) associa a leitura a uma relação amorosa, quase erótica entre obra e leitor, afinal, a intimidade, a descoberta da leitura trazem também sensações únicas e intensas.

Além do seu caráter prazeroso, a leitura tem o potencial de associar-se à liberdade, ou seja, cada leitor deve ter a liberdade de ler o que quer, como apresenta Pennac (1993, p. 139) ao conceituar os 10 direitos do leitor. São eles:

1) O direito de não ler.

² Para Aguiar e Bordini (1988), o horizonte de expectativas é composto por todos conhecimentos, vivências pessoais e cultura do leitor, que delimitam o que ele espera do texto. Quanto mais distante estiver um texto de suas expectativas, maior será a quebra desse horizonte, tornando-o, por consequência, mais amplo.

- 2) O direito de pular páginas.
- 3) O direito de não terminar um livro.
- 4) O direito de reler.
- 5) O direito de ler qualquer coisa.
- 6) O direito ao bovarismo.
- 7) O direito de ler em qualquer lugar.
- 8) O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
- 9) O direito de ler em voz alta.
- 10) O direito de calar.

Todos esses direitos têm em comum a liberdade que o leitor pode ter diante de um texto: se em alguns casos o leitor adora, reage ou se revolta contra as ideias trazidas na obra, em outras, tudo o que ele fará é calar-se, como defende o décimo direito.

Tais liberdades colaboram para que o ato de ler seja visto como interessante e prazeroso, porque leva em conta os desejos do leitor, suas necessidades e também vivências de mundo. O sujeito que lê passa também a enxergar outras possibilidades de vida e sociedade, ao ter contato com realidades diferentes da sua. A busca de identificação do leitor com a história e seus personagens permite maior envolvimento, compreensão e aprendizagem com a narrativa, mesmo que durante o processo de leitura haja situações de embate, divergência e quebra de hipóteses, afinal, o prazer do texto, como afirma Barthes (1973), nem sempre decorre da sua linearidade.

Pensando um pouco mais sobre o sentimento de identificação suscitado no ato de leitura, ao falar sobre a relação entre ler e “navegar”, Zilberman explica que tendo um envolvimento com a narrativa, o leitor se sente participante dos acontecimentos e navegante que se constrói por intermédio da obra. A autora, então, afirma que:

A identificação é a consequência esperada desse processo: ao contrário da relação entre dois sujeitos, em que a separação fica marcada até pela dimensão física ocupada pelo corpo de cada um, a leitura, enquanto acontece, favorece o mergulho de um sujeito no interior da identidade do outro, amalgamando-os, durante seu decorrer, num único ser. (ZILBERMAN, 2001, p. 49 - 50)

Dessa maneira, o processo de identificação ocorre de forma a integrar o sujeito leitor à obra e facilitar o entendimento, a compreensão e possibilidade de múltiplas interpretações. Tal identificação ocorre, no entanto, não de maneira arbitrária, mas é justificada pela

existência prévia de preferências e características individuais e sociais do leitor, que o atraem ou o afastam de determinados aspectos da obra.

Como resultado, podemos ver a leitura como “lugar” de encontro entre nós mesmos e a comunidade a que pertencemos, de maneira intermediada pela linguagem artística, pela estética e estilo do autor ou autora. Para Cosson (2018), “A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos.”, afirmando o caráter de interação e identificação que a literatura pode proporcionar. (COSSON, 2018, p.17)

O ato de se reconhecer na obra muitas vezes surge por intermédio de alguém que já tenha acesso à leitura e leve esse hábito para outras pessoas, que não o possuem. Petit (2012) relata sobre experiências com grupos de leitura criados em comunidades com grande vulnerabilidade social, que acompanhou por todo o mundo:

Para meninos e meninas estigmatizados por alguma razão – porque cresceram em uma favela ou porque seus pais imigraram, porque fazem parte de um grupo subjugado – é conhecida a importância dessa hospitalidade, de ser reconhecido em sua singularidade, chamado pelo nome, ouvido. E isso por alguém diferente de seus próximos, que é o mediador de um outro mundo. (PETIT, 2012, p. 49)

Ou seja, para essas crianças e jovens, ter contato com uma pessoa que não pertença necessariamente ao seu núcleo familiar e está disposta a ouvi-lo, dar prioridade para suas preferências e gostos foi transformador e possibilitou uma nova perspectiva em suas vidas. Como resultado, a identificação pode apresentar duas faces, uma, já vista, se refere ao reconhecimento da sua realidade na própria obra, em que o leitor vê o seu reflexo nas personagens e no enredo. Já a segunda se trata da identificação com um universo em que o leitor queira viver ou personagens que ele queira se tornar ou conhecer. Se trata de uma fuga, desejo de estar em outra realidade, nem que seja por um curto espaço de tempo enquanto o leitor passa as páginas da obra.

Tal característica permite que a leitura, assim como outras formas de arte, sejam associadas a atividades de prazer, de fuga de uma realidade dura de ser vivida, porém, tais características não tornam a leitura algo superficial. Afinal, é por meio do afastamento e da observação que o leitor pode visualizar sua realidade, comparar culturas, planejar um futuro talvez diferente do que acreditava ser a sua única possibilidade, até então.

Associa-se também à leitura o ato de viajar, pois pressupõe que o indivíduo saia de um lugar e conheça outros, outras culturas, pessoas e estilos e esteja sob uma espécie de flutuação, vertigem. Existem expressões diversas que associam o sujeito leitor a alguém

aéreo, que vive “no mundo da lua”, e que demonstram como a leitura possibilita ao indivíduo que mude de lugar. Nesse sentido,

Ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção. (JOUVE, 2002, p. 109)

Dessa maneira, a fuga de si não está dissociada da criticidade que o leitor estabelece entre a narrativa e o mundo real, e isso ocorre principalmente quando há identificação e reconhecimento do leitor com a obra, pois,

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9)

Por conseguinte, é notável que o ato de ler exige do leitor capacidade não só decodificadora, mas também de compreensão do mundo que o cerca. Isso não implica dizer que a leitura deve se restringir apenas ao contexto do leitor, mas, sim, que a construção de relações de sentido para o texto parte desse espaço circundante, sem que isso signifique permanecer nele obrigatoriamente. Com isso, o prazer da leitura deve nascer também da “gratificação que se sente em cada ato de descoberta.”, afinal, o ato de conhecer novas sensações, ambientes e situações através da leitura permite ao leitor ampliar o seu campo de conhecimentos e a sua visão sobre as situações, retirando-o de um possível grau de desconhecimento e aumentando a oportunidade de viver novas experiências e realidades.

É nesse âmbito que a leitura é vista como um ato político, pois, além de ser direito de todas as pessoas, extrapola as questões de obrigatoriedade e adentra na formação e evolução individual dos seres humanos, por ser uma atividade prazerosa, artística e que estimula o exercício da liberdade, da conscientização acerca de si e da realidade que o rodeia.

Como consequência dessa tendência libertadora da leitura vista anteriormente, refletimos sobre como esse aspecto se relaciona com a capacidade de autonomia que o leitor adquire conforme se constrói como sujeito leitor, consciente e crítico. Freire (1989) afirma que o ato de ler é também uma espécie de autoconstrução, pois o indivíduo leitor escolhe sua leitura, absorve ou não suas ideias trazendo-as de alguma forma como constituintes de sua vida, para o seu crescimento.

Nesse processo, Freire (1989) disserta ainda que o leitor deve ser o principal sujeito, mesmo que precise do auxílio de algum mediador nessa trajetória. Afinal, como processo ativo, quanto mais a decodificação ocorre em diálogo com as vivências do indivíduo, maiores podem ser a eficiência e o prazer de ler. A leitura do mundo e da palavra estão sempre associadas e tal ligação deve ser clara para o leitor, pois a partir do momento em que ele se vê como protagonista desse processo, será capaz de perceber como pode ter autonomia na construção dos seus conhecimentos, vivências e experiências.

Este caráter autoconstrutivo proporcionado pela leitura é buscado, na maioria das vezes, devido à grande valorização que o sujeito capaz de decodificar as letras possui na sociedade, não só hoje, como em outras épocas e culturas. Ao leitor, que possui muito conhecimento sobre obras literárias e artísticas no geral, é atribuída a imagem de pessoa intelectualizada, culta, letrada. No entanto, o domínio sobre a sua forma oralizada e escrita recebem valorizações diferentes dentro de uma mesma sociedade. Enquanto a primeira não possui tanto crédito, a segunda que é registrada, impressa e, conseqüentemente, pode ser comercializada e fazer parte do sistema capitalista, é muito mais reconhecida e associada ao saber legitimado.

Essa valorização da leitura escrita ocorre de maneira cíclica, pois, enquanto nutre o sistema mercadológico, é cultuado pela classe dominante, que se esforça para reter esse saber dentro de um núcleo, de uma classe específica. O contrário ocorre com a leitura oralizada, menos valorizada comercialmente, a exemplo da Literatura de Cordel, pouco reconhecida como literatura. Além disso, o público que produz e consome a sua versão oralizada pertence geralmente às classes mais pobres e comunidades periféricas. Acerca desses aspectos, Soares (2004) afirma que:

Da língua escrita apropriaram-se as classes dominantes, fazendo dela o discurso da verdade, repositório de um saber de classe, apresentado como saber legítimo. O acesso à escrita pelas camadas populares pode, por isso, significar a renúncia ao seu próprio saber e ao seu próprio discurso, a sujeição ao saber e ao discurso do dominante. (SOARES, 2004, p. 22)

Tal afirmação nos permite refletir não apenas sobre a dualidade Leitura escrita (dominante) versus Leitura oralizada (dominada), mas também em como a primeira é supervalorizada e exige que o sujeito pertencente à cultura oralizada que deseje ter acesso à escrita precise renunciar aspectos linguísticos e culturais de sua vivência.

Apesar do aparente distanciamento entre esses dois modos discursivos, a leitura de textos, realizada a partir da escrita de algum autor ou autora, permite que memórias sejam

registradas, histórias e conhecimentos sejam repassados e perpetuados ao decorrer do tempo e do espaço. Dessa maneira, “a escrita é, assim, um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano.” (COSSON, 2018, p.16), evidenciando o papel da leitura e da escrita não apenas como objeto de apreciação e prazer, mas também de registro, memória e transmissão de conteúdos e ideais, que podem ser favoráveis, mas também contrárias ao sistema vigente.

Portanto, compreendemos como e porquê ocorre ainda uma supervalorização da escrita. No entanto, isso não significa que precisamos perpetuar tal separação, afinal, tanto a leitura escrita quanto a oral apresentam características específicas e qualidades importantes para a cultura de todas as sociedades. Do contrário, quanto mais distanciamento houver entre as formas de leitura, mais a escrita se torna restrita e, de certa forma, mantida longe da maioria da população. Como afirma Soares (2004), o acesso à escrita por parte do sujeito dominado pode representar uma ameaça à dominação.

Refletir acerca dessa valorização da leitura escrita nos leva a pensá-la também como instrumento importante de tomada de consciência, e muitas vezes, conseqüentemente, na subversão de papéis e lugares sociais. Geraldi (1984) afirma que ter acesso aos mesmos meios de poder que aqueles que nos oprimem têm é uma forma de subversão, de tentar mudar uma realidade injusta de quem não tem acesso a determinado conhecimento. A leitura numa sociedade letrada significa muito mais do que apenas um código de comunicação, pois

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras. (BONDÍA, 2002, p. 21)

Assim, as palavras se mostram como potencialmente significativas, modo de acesso a um poder. Como afirmam Bourdieu e Chartier (2009), o domínio sobre o livro é uma das mais procuradas formas de exercer o poder. Para que haja uma superação da realidade atual em que a leitura é vista como raridade e acessível apenas para poucos, deve-se combater a imagem de adoração mantida em torno da escrita, sobretudo a literária, (COSSON, 2018) e permitir que o leitor tenha contato com esta manifestação artística, convencendo-se de que seu acesso não deve ser restrito apenas a determinadas classes sociais. No entanto, como já dito anteriormente, a propagação da leitura, assim como a popularização ao seu acesso, gera, hoje

e em épocas e culturas diversas, receio nas camadas sociais que detém o saber letrado e escolarizado há gerações.

A atribuição do caráter perigoso à leitura, no entanto, não é recente. Na obra “República”, o filósofo Platão afirma que na sua cidade ideal não havia espaço para dramaturgos e poetas épicos, pois estes poderiam apresentar comportamentos indesejáveis e contrários ao sistema vigente e capazes de convencer muitas pessoas a adquirirem ideais também indesejáveis. Este caráter autoritário que permeia determinadas pessoas contrárias à disseminação da leitura é bem explicado por Zilberman, ao afirmar que “capacitando o ser humano a pensar e agir com liberdade, ainda que mediado pela fantasia e pelo imaginário, a leitura sinaliza o perigo para sociedades ou indivíduos autoritários.” (ZILBERMAN, 2001, p. 38).

Pensando ainda no período em que a literatura começou a ser um pouco mais acessível, nos séculos XVI e XVII, a autora dá continuidade à demonstração de como a criação de personagens leitores pode causar temor nas instituições vigentes, como a Igreja, por exemplo. Prova disso, foi a publicação do *Index Librorum Prohibitorum*, em 1564, documento que continha um conjunto de livros proibidos para os fiéis. A autora afirma ainda que “à leitura intensiva se atribui grave delito: ela transtorna e transforma seu leitor.” (ZILBERMAN, 2001, p. 21), e diz isso ao se referir aos vários personagens da literatura de países diversos que tem sua vida modificada pela interação com os textos.

Pensando na leitura como ação capaz de provocar mudanças, podemos citar algumas dessas obras literárias, que trazem essa imagem de leitura como potencialmente transformadora de situações: em “As 1001 noites”, a personagem Sheherazade se livra da morte a partir do momento em que passa a contar histórias para o rei que desejava matá-la. Segundo Menezes (1987), a leitura consegue mudar o destino da personagem. Já em “Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen, a personagem Elizabeth, irmã de quatro moças, é a única que consegue escolher e se casar por amor, porque, diferente de suas irmãs, possui o hábito da leitura e, talvez devido a isso, um senso crítico que a singulariza entre as mulheres de sua família.

Já em “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert, Emma Bovary, uma ávida leitora de romances, passa a se imaginar vivendo histórias diferentes do cotidiano do seu casamento. Essa compreensão dos possíveis prazeres que podem ser vividos fora do matrimônio, das diversas possibilidades e escolhas que ela pode tomar contribuem para a visão de leitura como subversiva e perigosa, principalmente se pensarmos que durante muito tempo o acesso à leitura era reduzido para as mulheres.

Em “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes, o personagem que intitula a obra é um leitor que passa a imaginar mundos que misturam realidade e as histórias que lê. Ele é visto por todos como um louco e, assim como Emma Bovary, perde sua credibilidade social por misturar vida real e o mundo literário. No entanto, tem a possibilidade de ver o mundo sob novas perspectivas e conhecer experiências e sensações que as personagens não leitoras talvez nunca conheçam, assim como ocorre com as personagens Marflio e Rosálio, criadas por Maria Valéria Rezende nas duas obras que analisaremos nessa pesquisa.

Ao dissertar sobre a leitura, Luzia de Maria defende que ela deve partir de uma concepção política, ou seja, comprometida e engajada com a realidade social, deve ser “uma leitura que desinstale o homem da placidez e da acomodação e ao mesmo tempo seja capaz de torna-lo melhor.” (MARIA, 2008, p. 51). Nessa concepção, a leitura permite que o indivíduo obtenha não só respostas sobre a sua realidade, através da identificação, mas incentive-o a buscar diferentes soluções e caminhos.

Para que esse engajamento ocorra é necessário que haja por parte do leitor uma consciência acerca da sua realidade, por isso, a leitura se apresenta como dependente não só do texto – que tem importância essencial – mas também do leitor, de suas vivências, ideologias e competências, afinal, o texto sem o leitor não passa de um objeto. A partir do momento que alguém se dispõe a lê-lo, dialogar com ele e compreendê-lo, o texto ganha vida, materialidade e sentidos diversos. Podemos nos questionar: “um livro existe sem leitor? Ele pode existir como objeto, mas, sem leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual.” (CHARTIER, 2009, p. 153). Esse trecho torna clara a profunda relação e dependência entre autor, texto e leitor.

Outra pesquisadora que aborda a importância do leitor para o avivamento do texto é Zilberman (2001), ao afirmar que toda a trama, os personagens, seus sentimentos e tempo da história necessitam desse sujeito para preencher seus espaços, dar sentido e intervir em seus acontecimentos, permitindo-o assim fazer parte também da produção da obra. No entanto, a participação do leitor não se restringe a preencher espaços pré-estabelecidos, afinal, cada um possui um olhar diferente, único, que o leva a se atentar a aspectos que são interessantes para ele, mas possivelmente não serão para os outros. O leitor é, então, participante ativo do processo de ler, transformando a obra em objeto vivo.

A leitura, partindo de todos os aspectos pontuados até então, se mostra, como processo construtivo, constante e sempre inacabado, que se ramifica sempre em novos caminhos para o indivíduo que está disposto a refletir sobre o mundo e a se conhecer. Tudo isso é ação empoderadora, pois permite que o leitor se situe melhor no mundo, partindo da sua realidade e

compreendendo que, enquanto leitores, não há limites geográficos, históricos ou sociais, afinal, os livros são capazes de nos transportar para diversos mundos quando existe a apropriação do que se lê.

A leitura, como continuidade do processo de alfabetização, resulta não só da decifração de letras e frases, como o personagem Marílio, do livro “Ouro dentro da cabeça” (REZENDE, 2016), acreditava ser ao escutar a professora juntando letras na escola do seu povoado, mas da compreensão de contextos, momentos e situações verdadeiras, como demonstra Rosálio ao narrar suas próprias histórias para Irene, no romance “O voo da guará vermelha” (REZENDE, 2014). A leitura, nesse contexto, se reafirma como ato político, consciente e capaz de mudar a realidade das pessoas, de permitir que elas tenham acesso a melhores condições de vida e mais consciência sobre tudo que as cercam.

2.2 Conceitos de Dialogismo e Polifonia

Um dos aspectos de grande relevância para esse trabalho é o caráter interativo e social da leitura, pois ele nos permite perceber como a leitura pode modificar a vida das pessoas, mas também é constantemente modificada por cada sujeito leitor, suas vivências e sua cultura. Pensando nisso, trazemos para nossa análise alguns conceitos linguísticos que podem ser atrelados às noções de interatividade, construção e diálogo presentes nas obras de Maria Valéria Rezende, através das personagens Marílio e Rosálio.

Como posto no capítulo introdutório dessa pesquisa, o estudo sobre a língua perpassa a história humana. Com o passar dos anos, teorias sobre a forma como a linguagem se comporta resultaram, por exemplo, no estruturalismo e gerativismo, em que o primeiro apresenta a língua como sendo formada a partir da estrutura de fonemas e frases, fixas e originais e que não tem influência de fatores externos a ela. Já a segunda defende que a língua é inata e a partir de um número limitado de palavras e regras, o indivíduo pode criar infinitas combinações e sentenças.

No início do século XX surgem também estudos mais interacionais. Se até então, locutor e receptor eram considerados indivíduos totalmente independentes e tinham suas funções na linguagem bem definidas, assim como a interferência de fatores externos era considerada nula, a partir de então, percebemos que esses aspectos podem ser maleáveis e importantes na construção da linguagem. O dialogismo se destaca por meio dos estudos

literários, linguísticos e filosóficos de um grupo de estudiosos russos, organizado por Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medvedev.

De acordo com Volóchinov (2017), o discurso tem um caráter dialógico, pois, ainda que produzido solitariamente, é resultado de muitas vozes, diálogos, épocas e construções sociais, conseqüentemente não pode ter uma origem única. Para o autor: “Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205, grifo do autor).

Esse caráter dialógico é consequência social de todo enunciado construído, obra literária ou artística, que entra em contato com uma grande diversidade de leitores/expectadores, que, ao passar dos anos, atribuem diferentes significados à obra, à luz de suas vivências e culturas. Dessa forma, é perceptível que “Mesmo enunciados separados um do outro no tempo e no espaço e que nada sabem um do outro, se confrontados no plano do sentido, revelarão relações dialógicas” (FARACO, 2009, p. 65). Essa relação estabelecida indiretamente resulta da constante apropriação e reutilização da linguagem, das narrativas e das obras literárias no decorrer de anos.

Se por um lado, a palavra, o enunciado, a linguagem e a literatura são dialógicos pela interação do locutor/autor com o ouvinte/leitor, são também pela interação com os múltiplos espaços onde circulou, culturas e pessoas que contribuiram socialmente para a sua construção. A compreensão se torna dialógica também porque há um esforço para que a comunicação seja feita, afinal, os participantes do discurso (autor e leitor, leitor e ouvinte, leitor e personagem, locutor e receptor) são permanentemente interativos, enquanto ouvem histórias resultantes de vivências outras, analisam seus fatos, criticam de acordo com suas próprias ideologias e constroem uma visão de concordância ou discordância acerca de seus aspectos.

Dessa forma, a interação entre os falantes resulta da reflexão sobre os elementos que são assimilados, mas também e em grande parte da refração, ou seja, a incorporação de um discurso não é resultado apenas da apreensão passiva de seu conteúdo, mas também de sua análise e reelaboração de conceitos a partir de características sociais e ideológicas do ouvinte. Assim, segundo Volóchinov (2017, p. 232), “Toda compreensão é dialógica.”, bem como possui uma carga valorativa e ideológica, afinal, palavra alguma é neutra, ela sempre carrega em si os ideais que a construíram.

Como resultado da não neutralidade da língua, a sua capacidade de carregar ideologias e aspectos culturais daqueles que dela se apropriam é uma das principais características nos estudos dialógicos, pois, se a palavra constitui o indivíduo e vice versa, cada apropriação

acarretará em uma transformação de seus sentidos e significados. De acordo com o próprio autor: “a mudança da significação sempre é uma reavaliação: a transferência da palavra de um contexto valorativo para outro.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 237)

O caráter dialógico da linguagem estabelece estreita relação com o conceito de polifonia levantado pelos teóricos russos. Para eles, a polifonia se trata do potencial da língua de apresentar várias vozes, mesmo que aparentemente exista apenas uma. Se o dialogismo se trata do caráter de diálogo que a linguagem possui, a polifonia é o resultado de todos os diálogos estabelecidos ao passar dos tempos e que culminam nas múltiplas vozes existentes em cada palavra ou enunciado pronunciado, de cada obra escrita e história contada.

Uma narrativa literária é um ótimo exemplo de presença da polifonia, pois cada personagem representa um conjunto de vozes construídas com o tempo e que permitem ao leitor ter acesso a todas, concordar ou não com suas ações e ideologias. Se existe a polifonia dentro de um livro, entre obras esse fator é ainda mais interessante, pois expande a capacidade de interação e influência entre as narrativas. “Para a representação literária, a passagem do monologismo para o dialogismo, que tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência.” (BEZERRA, 2008, p. 193)

Conseqüentemente, ver a linguagem sob essa ótica permite ao indivíduo apropriar-se de sua fala, e permite-o ter em mente que como leitor e ouvinte, também é capaz de produzir e recriar conteúdos, a partir de sua história e suas vivências. Dessa forma, para o autor, o sujeito se projeta no outro, reflete e é refletido constantemente por meio da troca de experiências e palavras. Para Faraco (2009), é no ambiente heterogêneo e dialógico, através da multiplicidade histórica, sociológica e ideológica que o sujeito se constitui discursivamente, assimilando vozes enquanto contribui também com seus discursos para a sociedade, afinal, a língua não existe individualmente, ela necessita da constante contribuição do indivíduo social para permanecer viva. Como efeito do dialogismo, a língua reflete o sujeito e é refletida por ele.

3 AS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E LEITOR EM “OURO DENTRO DA CABEÇA”

Nesse capítulo, apresentamos, um breve resumo da obra “Ouro dentro da cabeça” (2016), seguido da análise acerca da abordagem dos temas da leitura e do leitor, com foco na personagem Marílio, à luz dos estudos levantados no capítulo anterior.

3.1 Enredo

Para compreender como essas representações se dão na obra é necessário conhecer minimamente o seu enredo. “Ouro dentro da cabeça” tem início com a apresentação de seu narrador-personagem em primeira pessoa, que começa a relatar a sua história, o seu percurso em busca, segundo ele, de um tesouro mais precioso do que ouro: a leitura.

Ele inicia, então, a falar sobre o lugar onde nasceu, um pequeno vilarejo chamado de Furna dos Crioulos, onde ninguém sabe ler, apesar de haver uma cultura de contação de histórias. No entanto, a falta de saber escolarizado não permite que essa população conserve sua história, tanto é que Marílio nunca soube o nome de seus pais, não chega a ser batizado no local em que nasceu e tudo o que sabe advém das histórias contadas pelos moradores mais velhos.

Mesmo sem conhecer seus pais, o menino até então sem nome, é criado por sua avó. Durante a infância é chamado de miúdo e Coisa-Nenhuma, não possui um nome próprio. Quando chega à adolescência, encontra um homem perdido e doente, a quem passa a ajudar com comida e medicamentos e em troca ganha histórias que o homem, chamado Pajé, conta. Essa relação de ter a leitura de histórias como pagamento por algo realça o seu caráter de riqueza sob o olhar do narrador. O forasteiro o chama de Piá e essa é a primeira denominação que o menino recebe e se sente confortável, pois tem Pajé como um pai, que o nutre não com alimento, mas com histórias.

Com a chegada de Pajé, Piá se encanta e começa a desejar conhecer todas as histórias possíveis, assim como ler, ele próprio, novos livros e através deles conhecer o mundo, como faz Dom Quixote, em uma das histórias contadas pelo homem. Com a relação dos dois intermediada pela leitura, o jovem começa a mudar a sua visão sobre a vida e seus desejos, no entanto, sabe que só estará satisfeito quando ele mesmo souber ler suas histórias e isso o instiga a buscar o aprendizado.

Algum tempo depois, em resultado de sua saúde debilitada, Pajé morre. Piá se vê desesperado, pois, apesar de ter ficado com a caixa de livros que o amigo carregava, não pode lê-los, apenas sabe das histórias que tinha decorado e contava para si mesmo como forma de consolo e de matar a saudade do amigo que se fora. Piá agora deseja apenas uma coisa: “crescer pra ganhar o mundo por mor de aprender a ler.” (REZENDE, 2016, p.27)

Junto a essa vontade de aprender, cresce também Piá e em determinado momento ouve-se a notícia de que chegaria uma professora ao povoado para alfabetizar as crianças. Todos passam a construir a escola e o narrador parece ser o mais empenhado, o que mais anseia por conhecer a professora e o que ela tem a ensinar. No dia da chegada da docente, Piá mal dorme, ansioso pelo momento e fica surpreso com a fisionomia da sua futura mestra, uma mulher de cabelos louros, diferente de todos ali, que possuem a pele escura.

Toda essa animação se esvai quando Piá descobre que para se matricular é preciso informar os nomes de seus pais. O menino se pergunta o que fará, afinal, não sabe o nome de seus pais e nem ele mesmo possui um, além de Piá ou Coisa-Nenhuma. Então, desiste de se inscrever na escola, mas escuta tudo o que a professora Marília fala durante as aulas, decorando o B-A-BÁ, mas sem enxergar o que há no quadro, o seu trabalho se torna ineficaz.

Pouco tempo depois, Marília vai embora, levada por seu noivo e a população local fica novamente sem escola. Piá, que tinha esperança de aprender a ler com alguém, se decepciona ao saber que ninguém conseguira aprender nada de muito produtivo. O menino fica triste, mas como já é considerado um rapaz, decide sair do seu povoado em busca de conhecer as letras, com a ajuda de Tião dos Burros, a pessoa que levava e trazia mercadorias para os moradores da Furna.

Começa então a sua jornada, de cidade em cidade, trabalhando em diversas funções e se mantendo como podia em busca de aprender a ler. Nesse caminho enfrenta dificuldades, conhece pessoas e lugares, viaja de avião, faz amigos e inimigos e encontra a leitura no lugar em que menos esperava, com uma moradora de rua que está disposta a ajudá-lo em troca de companhia e algum alimento.

3.2 Representações de leitura

Como foi descrito anteriormente, a história tem início com a associação que Marílio faz entre a leitura e o seu valor, como algo muito importante e digno de ser comparado a ouro. Essa visão não é recente, como destaca Menezes (1987) ao falar de como Sheherazade

consegue se salvar dando ao sultão o “tesouro” da palavra. Para a autora, “As histórias excelentes são guardadas no tesouro real! Estamos numa civilização em que, literalmente, a palavra vale ouro, em que a história narrada é tesouro.” (MENEZES, 1987, p. 121). Essa ideia é compartilhada pelo narrador em vários momentos da obra.

A obra tem início com o relato de Marílio, narrador-protagonista que, adulto e já familiarizado com a leitura, vai contar sua vida e de como ela se mistura com a busca e o aprendizado da palavra escrita. Ele narra um pouco da sua história, até a chegada de Pajé, personagem essencial para a construção do narrador como sujeito leitor. A relação com o visitante se une às leituras que constroem em Marílio um sentimento de segurança e identificação, pois mesmo que as histórias apresentem universos diferentes do seu, elas proporcionam para o menino uma possibilidade, uma mudança de perspectiva. Além disso, a confiança e o respeito estabelecidos entre Piá e Pajé funcionam como uma espécie de mediação nesse processo de modo que “Tudo começa com uma hospitalidade.” (PETIT, 2012, p. 48), ou seja, sentir-se acolhido durante a leitura é um importante passo para a identificação leitora.

Prova dessa relação construída é a maneira como o menino se recorda das histórias contadas por Pajé, em especial a de Dom Quixote. A partir dela, é atribuída à leitura o poder de fazer o leitor enxergar possibilidades que, sem ela, talvez não existissem. Como se a leitura pudesse abrir portas, mostrar novos horizontes, como uma verdadeira lente do mundo, da mesma forma que ocorre com o cavaleiro andante que mistura o mundo real ao mundo da fantasia, imaginando viagens e universos diferentes.

Sobre esse aspecto muito associado à literatura, em especial à fantástica, Jouve (2002) afirma que a leitura causa no leitor a sensação de viagem, de saída do seu lugar físico, espécie de fuga para um outro universo onde tudo é possível. É assim que Marílio se sente sempre que ouve as histórias de Pajé, o momento em que sai da Furna e de todas as dificuldades e faltas que enfrenta são substituídas por histórias mágicas, aventuras e mundos cheios de palavras. No entanto, o encantamento não acaba com o fechar dos livros, mas continua quando o personagem percebe que pode viver tantas aventuras quanto as personagens que conhece.

Partindo dessa concepção presente na narrativa, podemos fazer uma relação entre a ideia de Geraldí (1984) destacada em capítulo anterior acerca do poder de mudança da leitura e o trecho de Bourdieu e Chartier (2009), ao afirmarem que: “por meio de um livro se pode transformar a visão do mundo social e, através da visão de mundo, transformar também o próprio mundo social.” (BOURDIEU; CHARTIER, 2009, p. 243)

Em conjunto à ideia de leitura como abertura de oportunidades, Marílio descreve o ato de ler também como o desvendar de um segredo. Nas palavras do narrador:

Mas depois fiquei achando que ouro não era melhor que as histórias que eu ouvia, sem cansar, o Pajé lendo pra mim, enquanto eu olhava as folhas que ele devagar virava, doidinho pra descobrir o segredo das palavras e das linhas bordadas e desenhadas no papel de cada livro. (REZENDE, 2016, p.26)

Assim, notamos que, complementando o valor do ato de ler, a leitura se constitui também como um mistério, ao mesmo tempo em que configura uma forma de desvendar segredos e possibilidades sobre o mundo e o humano. Essa concepção de certa forma mística acerca da leitura pode proporcionar não apenas conhecimento, mas sensações e experiências únicas ao leitor. Na visão de Marílio, a leitura tem seu teor mágico. Sobre esse aspecto, percebemos que “a palavra aqui é mágica. A força da palavra radica na magia. A palavra aqui transforma – como no curandeirismo, na magia, na religião e na psicanálise.” (MENEZES, 1987, p. 122).

Esse ar de mistério e de sabedoria presente na figura de Pajé³ – cujo nome, do tupi pa’ye, simboliza o guia espiritual, um ser com poderes mágicos, sobrenaturais, relacionados à capacidade de cura, cicatrização, renovação, que, na obra em perspectiva, atualiza-se naquele que consegue atribuir sentido a um conjunto de letras – aumenta a curiosidade de Marílio e a sua vontade de tornar-se também um leitor.

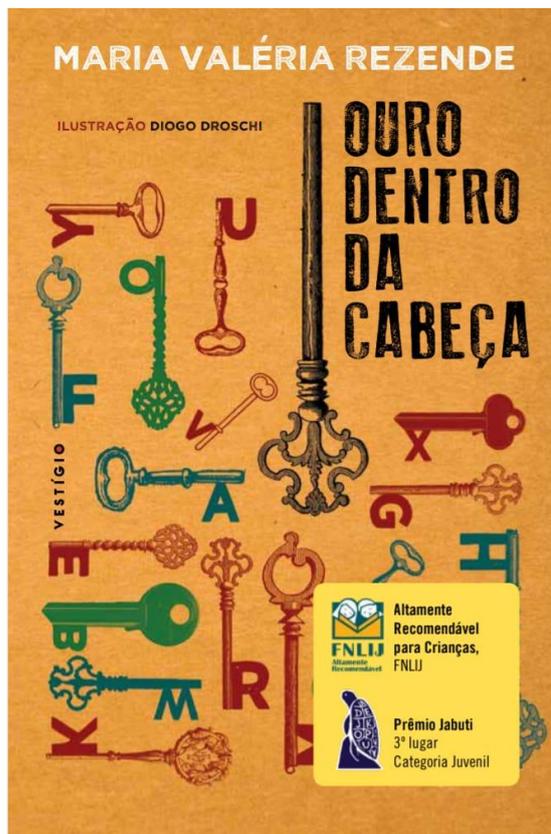
Além desse aspecto, no trecho citado, percebemos a comparação das frases a linhas bordadas, pois, assim como um texto, um bordado se trata de uma construção de algo maior, através de pequenas partes que têm seu sentido individual, mas em conjunto conseguem alcançar um nível mais alto de significação.

Pensando na imagem a que o ato de bordar linhas remete, é possível fazer uma reflexão também sobre a concepção de leitura na obra a partir do seu conteúdo gráfico, elaborado por Diogo Droschi, afinal, a ilustração permite ao leitor interagir com a obra e antecipa interpretações e auxilia na construção e absorção da história e complementando e enriquecendo o texto. Segundo Lígia Cademartori (2008, p. 87), “Enquanto a escrita impõe a linearidade no tempo, própria do seu caráter sequencial, a simultaneidade da representação imagística cativa e comunica, de imediato, pela força e riqueza figurativa e cromática.”, possibilitando que a leitura ocorra de mais de uma maneira, simultaneamente.

³ “Índio responsável pela realização e condução dos rituais mágicos de cura” (DICIO, 2019)

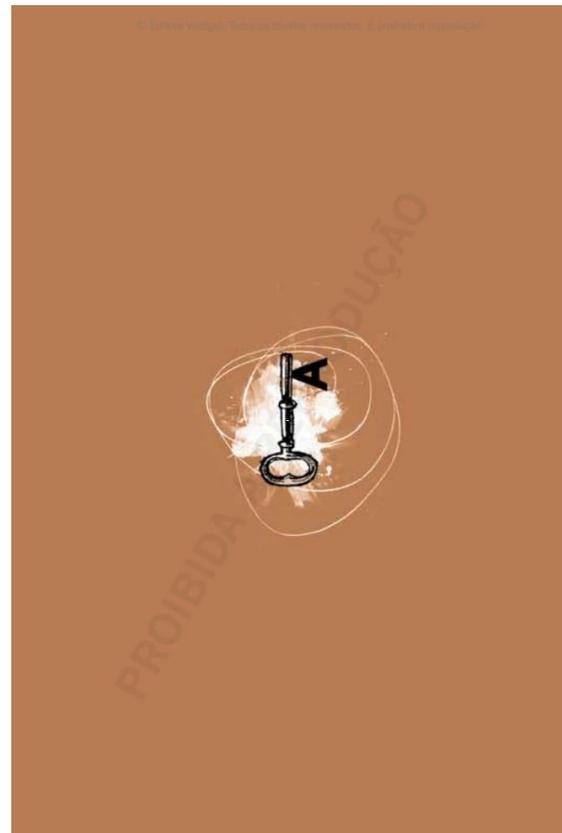
Retornando à obra, o trabalho gráfico tem início na capa (Figura 1), que possui várias chaves-letras, e vai até as ilustrações do miolo do livro, que são apresentadas a cada novo capítulo associadas a cor preponderante nelas: o dourado. As chaves (Figura 2), presentes em toda a obra remetem à possibilidade de abrir portas, destrancar barreiras que nos permitem o acesso a outros espaços. Essas chaves, que possuem letras no lugar dos dentes, representam a importância dos textos abrir portas com as quais Marílio se depara.

Figura 1- Capa



Fonte: Ouro dentro da cabeça, 2016.

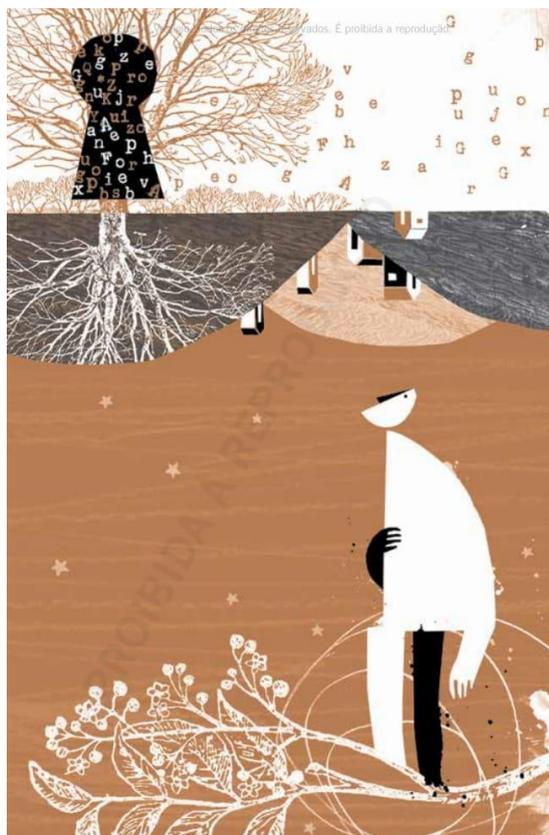
Figura 2 – p. 19



Fonte: Ouro dentro da cabeça, 2016.

No entanto, a compreensão da mensagem suscitada pelas imagens só se completa em conjunto com a leitura do texto, pois as figuras antecipam acontecimentos do capítulo, cenas destes, mas de maneira a mesclar o abstrato e o real. Exemplo disso é a ilustração que introduz o terceiro capítulo, intitulado “Piá, filho das palavras.” (Figura 3) em que são representados um homem olhando para cima, onde existe uma árvore, da qual brotam letras e no seu tronco há a imagem de uma fechadura. Também existe, ao lado da árvore, um pequeno conjunto de casas de cabeça para baixo, representando uma comunidade ou bairro.

Figura 3 - p. 20



Fonte: Ouro dentro da cabeça, 2016.

Dessa imagem, podemos antecipar que o capítulo abordará de alguma maneira o crescimento ou a frutificação de palavras, histórias, narrações, etc, pois a árvore traz um sentido de crescimento, investimento, relacionada à educação ou leitura através das letras presentes também na ilustração. Quando se parte para o texto verbal, notamos que surge na narrativa um personagem muito importante, o Pajé, homem que, como posto anteriormente, apresenta a Marílio o mundo dos livros e, de certa maneira, planta no rapaz o desejo de conhecê-lo ainda mais.

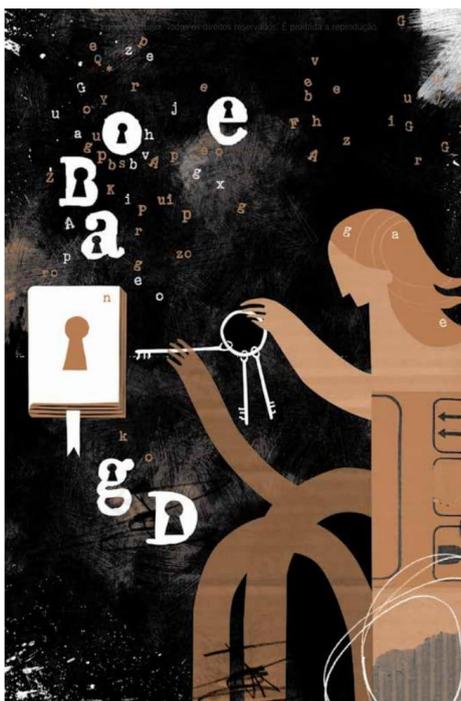
A árvore remete, então, além dos pressupostos feitos a partir da leitura prévia das imagens, ao ato de cultivar a vontade de ler, de conhecer cada vez mais histórias, criando sempre mais ramificações, relações e interdependência entre as leituras. As casas de cabeça para baixo se referem ao lugar em que Marílio nasceu e cresceu e podem indicar a dificuldade de compreender o contexto onde se vive, pois o personagem se encontra na direção oposta à comunidade, olhando-a à distância. A árvore que se opõe às casas e carrega as letras, em sua maioria, douradas representa a possibilidade de o personagem, tendo acesso aos livros, conseguir iluminar seu lugar no mundo, pela reflexão que a palavra proporciona.

Como resultado da união entre imagem e texto, a leitura pode se tornar muito mais rica e também sensível ao lidar com elementos visuais e textuais. Ainda segundo Cademartori (2008, p. 87), “As imagens da ilustração constituem instrumento fundamental de apoio para a ativa intervenção do leitor na construção de sentidos e na formulação de hipóteses para a interpretação do narrado”, tornando claro que a imagem pode não apenas acrescentar informações à obra, mas dialogar com esta, atribuindo-lhe mais sentidos, possibilidades de interpretação. Além do mais, pode provocar o leitor a pensar além do texto, pois, a ilustração é capaz não só de afirmar o que o texto diz, mas também complementar, contradizer e trazer outras perspectivas.

Além da mescla de imagens mais realistas com outras abstratas bastante característica em todos os capítulos, a presença de desenhos de fechaduras é frequente, fazendo o leitor lembrar-se de que a busca do personagem pela leitura visa torná-la chave pela qual o mundo, que se fecha para os não letrados, possa ser, finalmente, aberto e decifrado.

O último capítulo, intitulado “Ouro dentro da cabeça”, traz a ilustração de uma personagem feminina abrindo um livro com uma chave (Figura 4). Esse ato de conseguir abrir os livros e ler o seu conteúdo permite que o tesouro, tão apreciado por Marílio, possa enfim estar com ele, dentro de sua cabeça e de todas suas ações. A ideia de leitura como chave para o leitor é citada por Bordieu e Chartier (2009, p. 234) ao afirmarem que “Pensamos que ler um texto é compreendê-lo, isto é, descobrir-lhe a chave. Quando de fato nem todos os textos

Figura 4 - p. 86



Fonte: Ouro dentro da cabeça, 2016.

são feitos para serem lidos nesse sentido.”, ou seja, existem várias intenções possíveis na leitura de um texto e nem sempre será compreendê-lo, de modo restrito à intelecção.

Alguns textos visam ser apenas informativos ou técnicos, assim como outros, em sua maioria os literários, podem proporcionar ao leitor muito mais do que o entendimento, e sim sentidos, sensações e experiências. Marílio utiliza essa visão de leitura de forma diferente dos autores, pois não representa meramente conhecimento técnico ou intelectual, mas a chance de conhecer novos mundos, possibilidades, histórias e vivências que possam ajudá-lo a compreender melhor o mundo e a si mesmo.

Retomando a análise textual, toda essa expectativa criada por Piá toma maiores proporções com a morte de Pajé, pois o menino se depara com uma grande quantidade de livros que não pode ler, apenas contar as histórias de que se lembra. Essa situação pode mudar com a chegada da professora Marília, em quem o rapaz se inspirou para criar o seu próprio nome. Enquanto ensinava seus alunos dentro da escola, Piá decorava o resultado da junção dos fonemas, mas isso pouco adiantava por não conseguir visualizá-las. Após a partida da professora, Marílio soube que ninguém conseguira aprender a ler no povoado e novamente a sua esperança de conhecer o mundo das letras é suspensa.

A falta de resultados positivos no ensino da professora ocorre devido ao pouco tempo que a escola funcionou, mas também, é interessante notar, que existe a falta de envolvimento com os alunos. O ensino do reconhecimento das letras e seus fonemas sem a identificação de sentidos e a relação do ensino com o cotidiano dos alunos não facilita o processo de aprendizagem, pois não parte dos seus conhecimentos de mundo, mas de um sistema pedagógico impessoal, que não envolve os educandos e por isso dificilmente gera algum resultado eficaz.

Sobre essa necessidade de englobar no ensino os conhecimentos que os alunos já possuem, Paulo Freire afirma que: “A educação popular não pode estar alheia a essas histórias que não refletem apenas a ideologia dominante, mas, mesclados com ela, aspectos da visão de mundo das massas populares.” (FREIRE, 1989, p. 29). Assim, as histórias de cada educando são importantes e os alunos se apresentam não como espaços vazios a serem preenchidos, mas como pessoas que querem aprender e também tem muito a ensinar.

Essa perspectiva se encaixa não só no papel de aluno, mas também no de professor ou mediador que, por lidar com pessoas e o surgimento constante de novos conhecimentos e vivências, precisa estar em constante aprendizado. O autor destaca também que o leitor deve ser o principal sujeito da leitura, que aprende, mas ao mesmo tempo está em um processo ativo de autoconstrução e não apenas de incorporação passiva de conteúdos. Essa busca pelo

aprendizado é uma das características mais marcantes da obra de Maria Valéria e é elemento impulsionador de grande parte das aventuras vividas por Marílio.

Ao relatar também sobre as massas populares, Freire (1989) se refere às sociedades em que o ensino escolarizado é restrito a poucas pessoas, geralmente pertencentes a uma classe social mais alta. No local em que o personagem vivia, a leitura era inacessível para todos, pois não havia escolas e a cultura de contação de narrativas era somente oral. Dessa forma, a necessidade de aproveitar de conhecimentos da população, do seu cotidiano e que façam sentido para eles é essencial, tendo em vista que:

A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as *inferências* necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente.

A ativação do conhecimento prévio se constitui em permitir que através deles, sejam palavras muito utilizadas, histórias conhecidas ou mesmo situações que possam ser incorporadas no processo de aprendizagem, haja um intermédio, uma ponte para outros conhecimentos, que não são superiores ou inferiores aos que a comunidade já tem, mas necessários quando se busca ampliar os horizontes.

A dificuldade de aprender a ler na Furna é percebida então por Marílio, que, agora sem professora, decide viajar para realizar o seu sonho. Na primeira cidade onde chega, se depara com a falta de escolas para adultos. Ali só se matriculavam crianças. Vai então para outra cidade onde uma escola para adultos será aberta em um mês, mas para se matricular necessita de documentos que comprovem a sua identidade, mais um problema para o rapaz que acabava de escolher o nome Marílio da Conceição para ser chamado, mas nunca possuiu registro algum. O nome escolhido resultou do grande afeto e admiração devotada à professora Marília que mal a conhecia, mas cuja importância provinha do poder que ela tinha sobre o universo das palavras.

Retomando o percurso de Marílio, toda essa dificuldade encontrada por ele para ter acesso à escola nos permite refletir sobre como essa situação tem embasamento na realidade, pois o acesso à educação por este público tem grandes entraves no Brasil, como o sujeito precisar se dividir entre trabalho e escola, sustentar a família, enfrentar a vergonha, a burocracia, etc. Mesmo com um grande número de escolas que adotam o sistema de Ensino para Jovens e Adultos (EJA), principalmente após 1996, ano em que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) incluiu a EJA, a sua presença é muito reduzida em relação

ao ensino regular e o percentual de analfabetismo no país é de 6,6% de acordo com o senso IBGE de 2019, incluindo pessoas a partir dos 15 anos.

Tal dificuldade presente, tanto na obra como na vida real, é uma das falhas na educação mais criticadas por Paulo Freire em várias de suas reflexões, pois o autor percebe que a falta de acesso de adultos ao ensino e à leitura diminuem as possibilidades de crescimento e de mobilidade social dessas pessoas, geralmente trabalhadores e trabalhadoras que não tiveram acesso a uma educação escolarizada na faixa etária indicada. Essa situação resulta em um ciclo de injustiças que limitam a classe popular e não permite que ela possa mudar tal situação. De acordo com o autor:

a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não é associada sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que o Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. (FREIRE, 1989, p. 13)

Durante toda a obra, enxergamos a difícil luta de Marílio em busca de algo que teoricamente é direito de todos: a leitura. As dificuldades enfrentadas, a burocracia, a falta de conhecimento e mesmo a completa ausência de políticas públicas eficazes contra o analfabetismo são marcantes na obra. Os obstáculos enfrentados são resultado de uma sociedade que ainda hoje segrega e exclui pessoas do direito de exercer a sua cidadania, seja por meio da pobreza, da falta de acesso ao conhecimento letrado e conseqüentemente à mobilidade social.

Como resultado, o incentivo à prática da leitura nas comunidades periféricas se apresenta como um dos mais importantes meios de quebra dos padrões sociais a respeito dos bens culturais. Quanto maior a distância entre um indivíduo e o acesso ao conhecimento letrado, maior será o caminho que ele precisará seguir para alcançá-lo, caminho esse que Marílio trilha com insistência e esperança. Conhecer e ter acesso a ideologia dominante, partindo do ponto de vista das camadas populares é um fato revolucionário.

3.3 Representações de leitor

Repare em Dom Quixote, este aqui, todo encourado como os vaqueiros que vi quando andei pelo sertão: veja como era magrinho, porque comia bem pouco, que tudo economizava do dinheiro que ele tinha por mor de comprar os livros e ler todas as histórias pra descobrir neste mundo o que o olho só não vê. (REZENDE, 2016, p. 25)

Ao narrar esta cena, o personagem relembra um dos momentos em que Pajé contou histórias e demonstra se espelhar no personagem andante, não apenas por este ser um herói, capaz de lutar e passar pelas mais difíceis situações, mas por todos esses aspectos só serem possíveis através da competência leitora, tão característica em Dom Quixote. Este, que passa a construir fantasias a partir das histórias que lê, tem a sua rotina e a sua visão de mundo modificadas, demonstrando “experienciar o mundo por meio da palavra”. (COSSON, 2018, p. 47).

A associação do heroísmo ao hábito leitor ocorre também em relação a Pajé. O homem não consegue mais ler as palavras do livro porque a sua visão estava prejudicada, no entanto, se lembra de todas e as conta ao novo amigo. O seu apego aos livros encanta Marílio e parece ser incorporado por este, que futuramente, após a morte do Pajé, se apossa da caixa de livros e admite ser esta o seu maior tesouro, que precisa apenas ser decifrado pela habilidade leitora.

Após a morte do amigo, Piá percebe que as histórias que ele ouvia só fariam sentido se contadas a outras pessoas, se fossem compartilhadas. Segundo o personagem, essa seria a única forma de aquietar o seu coração. Essa ideia de leitor sempre ativo, disposto a compartilhar histórias, é afirmada por Chartier (2009) ao afirmar que não existe livro sem leitor, assim como não existem histórias sem pessoas que as ouçam, compartilhem e interajam com elas. O autor também defende que a leitura em voz alta é uma forma de aproximar-se dos ouvintes e estabelecer, de certa maneira, laços entre si.

Assim, pode-se compreender melhor a sensação de conforto que Piá sentia ao compartilhá-las com os moradores da Furna. Como já citado, a leitura parte de uma atitude solitária (COSSON, 2008), porém, a sua compreensão é sempre solidária, pois emerge de um contexto também social, principalmente quando se trata da leitura oralizada. Como consequência desse aspecto, podemos compreender como uma grande amizade é construída entre Piá e Pajé em pouco tempo, pois essa relação é mediada pela leitura, realizada em momentos íntimos, fortalecendo os laços entre os dois.

Para Petit (2012), o sujeito leitor necessita de acolhimento e hospitalidade na leitura, especialmente se tratando de indivíduos que nunca se encaixaram no lugar onde vivem, como Piá. O menino inicialmente se identifica com Pajé, se apaixona por suas histórias e pela forma como é compreendido pelo homem. A necessidade de se tornar um leitor é incentivada pelo mediador, que compartilha com o menino não apenas histórias, mas também vivências e a possibilidade de enxergar outras perspectivas sobre a vida.

Para entendermos como surge a admiração de Piá pelo amigo é preciso compreendermos também como o sujeito leitor e letrado possui na sociedade um status

elevado em relação às pessoas não letradas. Tal concepção ocorre porque o conhecimento, a posse desse saber permite que o sujeito circule em ambientes diversos e tenha acesso a muitos saberes e conhecimentos inacessíveis à população dita iletrada. Como resultado, Culler (1999) afirma que:

A literatura é a atividade de uma elite cultural e é o que se chama às vezes de ‘capital cultural’: aprender sobre literatura dá a você uma baliza na cultura que pode compensar de variadas maneiras, ajudando-o a se entrosar com pessoas de status social mais alto. Mas a literatura não pode ser reduzida a essa função social conservadora. (CULLER, 1999, p. 46).

Dessa maneira, pensando mais especificamente na Literatura, conhecê-la pode ser uma espécie de degrau social, cultural e econômico, pois, “as relações de produção, de distribuição e de consumo de leitura como bem cultural repetem as condições discriminativas de produção, distribuição e consumo dos bens materiais.” (SOARES, 2004, p. 25). Entretanto, para Marílio, tornar-se leitor possui um significado muito mais subjetivo do que romper essas barreiras, porém, não se pode negar que o ato de uma pessoa que vem de um lugar simples e considerado pobre como a Furna, onde ninguém possuía acesso à leitura, em especial à Literatura, conseguir ter esse acesso, se torna um representativo deslocamento social e cultural.

A falta de familiaridade com a leitura é bem representada na obra quando a população recebe a notícia de que uma professora chegará e dará aula em uma escola, que será construída pelos próprios moradores. Essa novidade é bem recebida por todos, mas em especial, por Piá que fica muito animado e é uma das pessoas que mais contribuiu na construção da escola.

É interessante perceber que Piá sempre foi visto na Furna como um menino estranho e diferente das outras pessoas que vivem ali, seja por não ter conhecido os pais, não possuir um nome exato, ter a aparência física diferente ou ter mania de contar histórias. Essa distinção é perceptível quando a professora Marília chega no povoado e Tião dos Burros descreve Piá como: “Coisa-Nenhuma, menino meio doidinho, meio fraco do juízo, mas bom pra contar histórias.” (REZENDE, 2016, p. 30).

Tal caracterização, que o segrega, parece ser mais um dos incentivos para que o garoto aprenda a ler e tenha nos livros um reconhecimento e uma identificação que os seus vizinhos não o permitem ter. Piá vê na possibilidade de ser um leitor uma forma de ter um lugar na sociedade, de ser enxergado e reconhecido, de se identificar com situações e pessoas, diferentemente do que ocorre em sua realidade, onde não existem leitores ou contadores de histórias e aventuras.

A relação entre texto e leitor ocorre de maneira dialógica, pois, de acordo com Jouve (2002), enquanto o personagem se baseia nas experiências que o leitor possui, este se identifica devido às emoções suscitadas durante a narrativa. Segundo o autor “as emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção.” (JOUVE, 2002, p. 19). Tal atitude é bastante explorada na personagem de Marílio, que se identifica com os personagens e a forma como conseguem se libertar através da leitura, pretendendo ser como eles. É um processo de constante mutação e evolução dialógica.

Para Jouve (2002), o que ocorre durante a leitura é a relação entre o leitor e ele mesmo, através das experiências e atitudes das personagens, assim como ocorre com Marílio ao ouvir as histórias de Dom Quixote e se imaginar vivendo suas próprias aventuras e lendo seus próprios livros, sem se importar com o que os outros achavam ou não. A identificação aqui ocorre quando a personagem percebe que não está sozinho no mundo em que as pessoas anseiam por histórias.

O ato de identificar-se só é possível porque existe o outro, que durante a leitura é incorporado pelo indivíduo e no momento pós-leitura passa a servir como objeto de análise, de comparação com o próprio leitor e suas atitudes. Perceber o outro permite ao leitor enxergar melhor de si próprio. Sobre esse aspecto, observamos que:

No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2018, p. 17)

Esse trecho demonstra como a experiência literária pode contribuir para o preenchimento desse lugar, dessa identidade que Piá tanto busca, pois permite que o leitor abranja a sua visão de mundo e perceba, na maioria das vezes, que ele pode subverter os padrões sociais que lhe foram impostos, pode também almejar novos objetivos, conquistas e perspectivas. Tais possibilidades se tornam mais presentes quando o leitor se identifica com a obra e com os personagens, ou mesmo um personagem específico, afinal, ele se identifica nos participantes da história, características e atitudes que talvez, imaginasse serem só suas, resultando na falta de reconhecimento dentro da sua própria comunidade, como ocorria com Marílio enquanto vivia na Furna.

Ou seja, o sujeito leitor é sempre o resultado de muitas vozes. Segundo Zilberman (2000), a natureza libertadora da arte ocorre por meio da experiência estética, que tem o seu ápice ou culminância na identificação, na atualização da leitura por meio de fatos da própria

existência do indivíduo. Tal desejo de identificação se relaciona também com a valorização atribuída à leitura, pois “o leitor moderno faz parte de uma sociedade em que a leitura é um objeto de desejo, e, como tal, é um objeto de consumo.” (SOUSA, 2009, p. 2271)

A noção de que, através da leitura, pode-se circular novos ambientes, reforça também a ideia do leitor como possuidor de um bem, que apesar de ser consumível, não pode ser retirado de si, pois, diferentemente dos bens materiais, a leitura não é transferida, mas sim, construída. Essa situação ocorre com Pajé, que mesmo sem enxergar, possui as histórias dentro da cabeça, assim como a Marílio, que mesmo antes de aprender a ler, descreve a leitura como sendo uma preciosidade. “Eu ia enricar de letras, enfim, aprender a ler” (REZENDE, 2016, p. 68) afirmação que o personagem faz ao chegar no garimpo com promessas de que lá havia escolas.

Tal comparação entre a leitura e o ato de enriquecer nos mostra como o personagem reconhece nos sujeitos leitores um bem que só é possível através das letras, não do dinheiro ou de status social. Marílio vê na leitura a possibilidade de corresponder às expectativas da sociedade, que cobra dos indivíduos que sejam leitores, que conheçam histórias, clássicos, teorias, etc. mas também a chance de se preencher de histórias, vivências e experiências que o não leitor não pode alcançar por outros meios.

Apesar de o leitor ser caracterizado por todas essas vantagens, de aquisição de poder, status social e talvez econômico, o personagem tem uma relação muito mais íntima e afetuosa com a leitura. Ele deseja ser um leitor-voador, aventureiro, desbravador, criador e contador de histórias, capaz de usar a leitura para conhecer o mundo e levar esses conhecimentos e histórias para outras pessoas, buscando sempre desvendar os mistérios das letras e do mundo. O rapaz possui: “a ambição e a certeza de ler, um dia, pra viver todas as vidas que alguém viveu e escreveu.” (REZENDE, 2016, p. 74). Segundo Jouve (2002), ler se trata de uma viagem, que possibilita ao sujeito conhecer outros lugares, culturas e até mundos sem precisar sair do seu lugar. O leitor viaja durante a narrativa e após isso, retorna à realidade nutrido não só de histórias, mas também de novas perspectivas.

Essa vontade de conhecer o mundo através da leitura que pulsa em Marílio se concretiza ao final da obra, de maneira inusitada, ao encontrar a velha Naná, uma moradora de rua, que sabia ler, escrever e gostava de ouvir as histórias do rapaz. Ao encontrar a leitura em um lugar inesperado e vinda, não de uma instituição de poder, mas de uma leitora e ex-professora simples como Naná, Marílio nos demonstra que a leitura é muito mais do que um bem de consumo, mas sim um tesouro capaz de unir as pessoas e permitir que elas enxerguem mais possibilidades e perspectivas. Deixa claro também que o leitor não precisa ser

necessariamente uma pessoa de status social e econômico elevado, pois pode estar onde menos se espera. O leitor, nesse romance, é o sujeito que está sempre em busca de se conhecer, de descobrir o outro e o mundo ao seu redor.

4 AS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E LEITOR EM “O VOO DA GUARÁ VERMELHA”

Dando continuidade ao estudo das obras, neste capítulo abordamos “O voo da guará vermelha” (2014), trazendo inicialmente um breve resumo do seu enredo e, em seguida, analisando os principais aspectos propostos neste romance. O segundo tópico trata da visão de leitura abordada na obra, seguido por um tópico que irá abordar de maneira mais aprofundada o leitor Rosálio.

4.1 Enredo

O voo da guará vermelha, assim como a obra analisada anteriormente, retrata o cotidiano de um indivíduo humilde que sai da cidade pequena em busca de um tesouro: aprender a ler. Aqui, o personagem Rosálio, que escolhe esse nome em homenagem a uma professora que lecionou por um curto período de tempo na sua comunidade, ao sair do trabalho, se depara com uma mulher que trabalha como prostituta e como pagamento pelo programa, recebe de Rosálio uma história. Ela, Irene, no início se revolta e acredita ser enganada pelo homem, mas logo se encanta com o seu dom de contar narrativas e estabelece com ele uma relação de amizade, amor e troca de experiências e conhecimento.

A mulher, que vive triste, só e debilitada por ser soropositiva, passa a apreciar a companhia do rapaz que oferece a ela suas histórias em troca de aprender a ler. A cada novo encontro os dois se envolvem e se constroem um pouco mais, estabelecendo uma relação muito próxima como a de professora e aluno, mas não de forma estagnada, em que apenas um dos lados ensina e o outro aprende e sim de maneira dialogada, permitindo que ambos possam ensinar e aprender.

As histórias narradas por Rosálio, do seu passado e das vivências que o levaram até aquele ponto, se assemelham às narrativas de Marílio. Cada uma delas encanta a mulher e estimula nela a vontade de escrevê-las e documentá-las. Rosálio se sente mais apegado à Irene, se encanta também ao ver suas histórias escritas no papel, sendo cada vez mais encorajado a ler as palavras que ali estão. Nesse momento, o personagem já consegue criar e anotar suas histórias, além de reinventar outras já conhecidas. Surge então a vontade cada vez maior de viver, incentivado pelo amor por contar histórias e por uma experiência que teve há

muito tempo, com o colega Gaguinho, que entretia a comunidade onde morava contando histórias improvisadas para o povo.

Com o desejo de trabalhar como contador de narrativas cada vez mais forte, Rosálio, ao concluir o seu trabalho na empresa de construções, decide começar a nova empreitada. Ele se arruma, compra uma roupa bonita para Irene e juntos vão para a praça, divertir os visitantes, enquanto a mulher vigia o chapéu onde caem as moedas. Nesse momento, os dois se veem realizados, tendo na relação a possibilidade de concretizarem antigos sonhos: Rosálio, o de compartilhar suas histórias que ele agora pode escrever e Irene, de ser a professora que auxilia o homem no seu aprendizado.

4.2 As representações de leitura

Na obra “O voo da guará vermelha” a relação com a leitura tem início com a descrição da fome que Rosálio sente, não de comida, mas sim de palavras, sentimentos e pessoas, fome que o faz sentir-se sozinho, perdido no mundo. O personagem se sente à parte da sociedade, pois afirma que para decifrá-la é preciso aprender a ler. Essa fome de palavras se explica a partir da compreensão de que as palavras possibilitam ao indivíduo se integrar ao mundo, posicionando-se em um “lugar” onde se possa realmente se sentir acolhido. Segundo Cosson (2018), na leitura é possível encontrar o senso de nós mesmos e da comunidade em que vivemos, por isso a ausência do saber letrado causa no indivíduo moderno a sensação de falta.

O sentimento de solidão de Rosálio começa a ser amenizado quando conhece Irene, mulher que possibilita o aparecimento de cores em sua vida, que até então, segundo a própria personagem, era cinza. A presença cromática é muito marcante em toda obra, seja através dos títulos que possuem cada um a combinação de algumas cores, como “cinzento e encarnado”, “verde e roxo”, “azul sem fim”, etc. ou pela própria narrativa, repleta de representações, como no trecho a seguir, acerca do primeiro encontro entre os dois: “Rosálio sai de mansinho, segue o caminho das pedras, vai largando as que lhe restam para reforçar esse fio que o pode trazer de volta. O coração, agora mais vermelho, lhe diz que amanhã mesmo volta.” (REZENDE, 2014, p. 17)

A mudança que começa a acontecer no rapaz se deve em parte à companhia da mulher, mas principalmente à relação que estabelecem intermediada pela leitura. Surpreendentemente, Rosálio dá à Irene o consolo de suas histórias que ela tanto busca, em compensação, ela retribui escrevendo as narrativas que o homem conta e ensinando-o a ler, fazendo associações com palavras que partem do seu cotidiano. O sobressalto de Rosálio ao

descobrir que Irene sabe ler é prova de como ansiava por este momento: “E ela sabe escrever!, esta mulher sabe ler!, leia mais, leia tudinho, me diga onde está “guará”, e agora onde está “vermelha” e “sangue” e “espinhos” e “penas”. (REZENDE, 2014, p. 20).

A surpresa ocorre também porque Irene seria a última pessoa a quem o rapaz recorreria para aprender a ler, já que passou muito tempo buscando escolas, organizações que oficialmente pudessem ensiná-lo, porém, alcançou o seu objetivo com o intermédio de uma prostituta, pessoa normalmente escanteada e invisibilizada pela sociedade.

No caso de Rosálio, assim como em boa parte do processo do letramento, a mediação ganha importância crucial. Como dito anteriormente, para Petit (2012), tudo parte da hospitalidade, de acolher o sujeito que deseja ler, através de pessoas que compartilhem das suas descobertas e interesses. Ao retratar uma situação em que crianças e jovens que vivem em comunidades carentes, ao terem contato com um mediador, nesse caso um bibliotecário, passam a ter mais confiança e interesse na leitura, Petit (2012) afirma que:

Chamaram a nossa atenção para esse tempo em que um mediador está inteiramente disponível. Ao ouvi-los, compreendíamos que o que é precioso não é apenas a aptidão técnica do bibliotecário para se orientar no mundo da documentação. É que ele acolha a criança, o adolescente. (PETIT, 2012, p. 49)

Na obra, Irene exerce esse papel de mediadora. Não possui formação para tal, mas consegue introduzir Rosálio no mundo da escrita, utilizando palavras que ele conhece como referência, situações vividas por ele como exemplos, enquanto ouvia suas histórias. Se trata, pois, de um aprendizado dialógico, em que a troca de conhecimentos fortalece também o relacionamento dos personagens.

É interessante notar também que Irene tinha o desejo de ser professora e reconhece que para Rosálio o maior presente que poderia lhe dar seria ensiná-lo a ler (REZENDE, 2014) e isso significaria para o homem mais do que qualquer bem material. O valor de riqueza atribuído à leitura é marcante, tanto nas falas do personagem, ao relatar, por exemplo, que a maior riqueza deixada por seu amigo Bugre foram as histórias que este contou e que agora poderia compartilhar, quanto por Irene, ao descrever a sua alegria e surpresa ao perceber que Rosálio deixou a caixa de livros na casa da mulher: “já confia tanto em mim que me deixa o seu tesouro, sinal de amor e certeza de que ele hoje vai voltar.” (REZENDE, 2014, p. 67).

Esse tesouro que Rosálio guarda com cuidado tem o poder de mudar a sua vida, pois com suas palavras ele consegue acessar ambientes e situações diversas, como é feito quando o personagem conhece Irene e não possui dinheiro para lhe pagar, conta então uma história para

quitar a dívida. A leitura é defendida na obra como uma espécie de porta para outros mundos, de chave, transporte mágico para viagens únicas. Para Cosson (2018), a leitura é sempre uma porta entre o meu mundo e o mundo do outro.

Além da caracterização da leitura como atividade mágica, a obra apresenta uma comparação com o ato de costurar, tecer, tendo em vista que as letras, formando palavras, formando frases em conjunto com a interpretação do leitor podem resultar em histórias, da mesma forma que a composição de um tecido parte da junção de muitos fios. No trecho a seguir, Rosálio demonstra essa relação:

Rosálio pede à mulher o livro que ela ganhou e sai procurando nele mais palavras que já sabe, lembra como a avó cosia suas colchas de retalhos, juntando pedaços soltos, formando um desenho novo que ele tinha na cabeça, como ele, no pensamento, tem um sem-fim de palavras, descobre como se faz para inventar mais escritas, garimpando na memória retalhos para costurar um no outro e ver nascer outros sentidos que possa desenrolar no papel e um dia vão chamar outros, até completar histórias e fazer seu próprio livro. (REZENDE, 2014, p. 69-70)

O sentido de costurar, não só palavras, mas também histórias já contadas, recontadas e partilhadas, releituras misturadas com a própria criatividade reforça o caráter polifônico da leitura literária, em especial no caso de Rosálio, que se apropria de histórias pessoais e de conhecidos para criar as suas narrativas. Dessa forma, cada história contada carrega as vozes de todas as pessoas que por ela passaram.

Além disso, remeter à avó a lembrança da costura, associando-a à leitura reforça a relação existente entre o tecer e a imagem feminina como precursora da contação de histórias, dominadora da arte de narrar e contar mistérios, como fez Sheherazade, em “As mil e uma noites” ao construir o sentimento de apego e curiosidade no rei, que é envolvido pelo poder da palavra da mulher. Como afirma Menezes: “E ainda, a palavra aqui é mágica. Já repeti várias vezes que, através da Palavra, Sheherazade vence a morte e o Poder.” (MENEZES, 1987, p. 122)

Outra mulher marcante na vida de Rosálio é a professora que lecionou na Grota – local em que Rosálio nasceu, onde não existem escolas ou espaços que possibilitem aos moradores o ensino escolarizado – durante um curto período de tempo. Mesmo não tendo aulas com ela devido às burocracias da matrícula, o rapaz construiu sobre a mulher tamanha admiração, por sua beleza e por seu conhecimento acerca da leitura, que usou seu nome, Rosália, como referência para a criação do seu próprio nome. A influência de mulheres leitoras e letradas em sua vida reforça a relação já destacada entre o ser feminino e o domínio das letras.

Se por um lado, Rosália aumenta no rapaz a vontade de ler, é Irene que o introduz no universo do saber formal, do código. Rosálio, em contrapartida, apresenta para a personagem o seu grande arsenal de histórias, envolvendo-a no mundo fantástico das narrativas, como fazia Sheherazade todas as noites com o sultão, em *As mil e uma noites*. Rosálio possibilita à Irene a cura da sua solidão por meio das aventuras que conta, assim como Sheherazade fez com o sultão, a respeito de sua falta de esperança nas pessoas. Na obra, a valorização da leitura, oralizada e escrita parecem receber o mesmo peso. Se por um lado, Rosálio busca aprender a ler e escrever e vê nesse conhecimento um tesouro inestimável, é através da contação que ele estabelece relações com Irene e passa a contar histórias na praça de maneira profissional.

Essa dualidade se estabelece porque cada forma de leitura tem a sua importância: enquanto a escrita possibilita a documentação, o registro das histórias, a oralidade explicita que: “A voz vem do corpo, quer dizer, do sensível que há em nós. A voz viva é o contrário da letra morta e da linguagem estereotipada” (PETIT, 2012, p. 63). Ou seja, a leitura oralizada possui estreita relação com o poder do corpo, das expressões e avivamento das histórias narradas. A capacidade de interação existente da contação permite ao ouvinte estabelecer uma relação dialogada com a história, que passará por mais filtros de interpretação do que se essa leitura fosse apenas escrita, individual. Se a leitura silenciosa é solitária e possibilita intimidade e individualidade na atribuição de sentidos, a leitura oralizada e compartilhada é solidária e possibilita a troca de pontos de vista.

Além da troca de perspectivas entre leitores que compartilham uma leitura conjunta, existe profunda relação que se estabelece entre leitor e personagem, figura construída pela linguagem, que causa no leitor muitas percepções de si, afinal, nem mesmo a mais criativa fantasia pode ser totalmente apartada da realidade. Segundo Jouve (2002), não existe o eu sem o outro e por isso mesmo as personagens e situações narradas mostram o tempo todo ao leitor quem ele é, quem não é e quem deseja ou não se tornar. O Outro do livro, aquele personagem que observamos as emoções e atitudes no decorrer da narrativa, pode ser um elemento não encontrado na realidade específica do leitor e, por isso, possibilita uma versatilidade para que este migre de um ponto de vista para outro, como faz Irene ao escutar as histórias de Rosálio: “enreda-se nessa história, sendo, uma hora, Floripes e, noutra hora, sentindo o que sente João dos Ais.” (REZENDE, 2014, p. 79)

A necessidade de compartilhar histórias e de sentir a multiplicidade de interpretações que esse ato possibilita se tornou constante em Rosálio após a morte de Bugre, como pode-se ler no trecho a seguir:

porém a parte mais rica do que o Bugre me deixou era coisa diferente, riqueza que só se guarda por meio de repartir porque história a gente esquece se não contar a ninguém. Só quando eu contava histórias, em cada boca de noite, é que minh'alma aquietaava, se não o desassossego tomava conta de mim (REZENDE, 2014, p. 49-50)

Rosálio reconhece que a palavra contada e compartilhada pode ter muito mais força e importância na vida das pessoas, seja ouvinte ou locutor. Se por um lado, a partida do amigo deixa no personagem uma grande tristeza, por outro, o tempo que passaram juntos muda completamente a sua vida, permite que tivesse o contato com a leitura e enxergasse fora da Grota futuros que até então desconhecia. O novo mundo introduzido por Bugre é um dos maiores presentes que o protagonista recebe na obra.

A partir do momento em que tanto Rosálio, quanto toda a comunidade da Grota tem contato com o forasteiro e a professora Rosália, é ativada neles a percepção de que com a leitura o seu mundo pode ser mais vasto, como consequência, a inexistência da capacidade leitora causa neles a falta, a ausência. Tal sentimento é acentuado em Rosálio, principalmente após a partida da professora. De acordo com o personagem, a sua ida fez a população se dar conta de seu analfabetismo, algo que antes não era perceptível pois em Grota nunca existiu alguém que soubesse ler. A partida de Rosália deixa, então, a comunidade mais pobre. (REZENDE, 2014)

Entretanto, a falta de tais personagens é o impulso necessário para uma tomada de consciência de Rosálio, que passa a enxergar a realidade de maneira mais crítica e, conseqüentemente, observa a necessidade de aprender a ler. Se antes Rosálio se sentia excluído em sua comunidade, após conhecer as histórias e personagens, percebe que existem outras pessoas fora dali, que também gostam de histórias e buscam aventuras; percebe que não é destinado a permanecer no mesmo lugar e estado que nasceu por toda sua vida, se não quiser.

A ausência do hábito de ler na comunidade é reflexo da segregação ainda existente na sociedade, permitindo às classes privilegiadas financeira e culturalmente ter acesso a conteúdos inacessíveis para as comunidades marginalizadas. Essa distinção é percebida por Rosálio quando relata sobre o que ele deseja e o que se espera de uma pessoa considerada desprestigiada socialmente:

viver não só de vender a força bruta dos braços para gente que não se importa que ele tenha pensamentos, melhor até que não tivesse, não sofresse, não sonhasse,

ficasse quieto, encostado, com as outras ferramentas quando acabasse o serviço (REZENDE, 2014, p. 133)

A caracterização da pessoa humilde como instrumento de manobra e da pessoa rica como o arquiteto e possuidor da razão é uma dualidade que o personagem tenta romper. No trecho supracitado, o trabalhador é desumanizado pelo desejo da elite que mais ganharia se o sujeito ficasse quieto, equiparado à condição das próprias ferramentas que usa para realizar seu serviço.

De acordo com Soares (2004), a escrita é marcada pela utilização da norma linguística prestigiada e por sua ideologia, como forma de demarcação e caracterização sobre quem deve ler. Sendo “instrumento de reprodução, mas também espaço de contradição, a leitura é, fundamentalmente, processo político.” (SOARES, 2004, p.28), ou seja, a subversão dos estereótipos acerca da leitura, da escrita e do seu papel não só é possível, como essencial para a disseminação da leitura e da escrita, assim como para o fim da segregação do conhecimento. Essa tentativa de subverter os papéis pré-estabelecidos é feita por Rosálio durante toda a obra, mesmo, talvez, sem que ele saiba. Então, a leitura se evidencia como busca de si, mas também do mundo e das possibilidades de acessar todos os espaços aos quais se tem direito.

4.3 Representações de leitor

Em “O voo da guará vermelha” (2014), Rosálio, o sujeito leitor da obra, já se mostra mais experiente do que o protagonista de “Ouro dentro da cabeça” (2016). No enredo composto por Rosálio e Irene, o leitor-personagem conta suas histórias do passado e possui a noção de que suas palavras tem poder, ele agora encontra quem possa ensiná-lo e demonstra como o processo de descoberta das letras torna sua vida mais colorida.

Inicialmente, o leitor-personagem é apresentado como um tecelão, que aprende a unir as letras e palavras, formando sentenças e narrativas infinitas, capazes de atingir os mais diversos públicos. O leitor é aquele sujeito que se constrói através de tudo que lê e também é capaz de construir e criar suas próprias histórias, unindo suas experiências, memórias e referências artísticas e literárias, adequando à sua realidade. Como afirma o próprio Rosálio, ao lembrar de sua avó, que costurava. Ele associa esse ato ao de construir novas histórias a partir de lembranças e vivências anteriores.

Ao fazer essa associação, Rosálio reforça a característica construtiva da leitura e da escrita e reafirma implicitamente que todas as histórias contadas por Bugre, Gaguinho e Irene

contribuem para o seu arsenal de narrativas. Essa imagem pode ser compreendida sob a perspectiva de Petit, ao afirmar que no decorrer da vida sempre fazemos questão de verbalizar ou registrar fatos e sentimentos que nos marcam, divertem ou ensinam. Para a autora, “nossas vidas são completamente tecidas por relatos, unindo entre eles os elementos descontínuos.” (PETIT, 2012 p. 122)

Além da perspectiva da construção presente na obra, o leitor-personagem é apresentado como sujeito descobridor, desbravador de sentidos, histórias, culturas e mundos. Se em “Ouro dentro da cabeça” é narrada a busca, através das mais diversas aventuras, por um aprendizado obtido em um lugar tão distante; em “O voo da guará vermelha”, o protagonista encontra a mediação da leitura a poucos quarteirões de distância, num local simples, com uma pessoa amiga que o acolhe. Durante a obra, acompanhamos o processo de descoberta do personagem, de tudo o que ele pode aprender e alcançar através da leitura, da escrita e da contação de histórias.

No decorrer dos encontros entre Rosálio e Irene, o rapaz se mostra encantado com a forma que se escreve cada palavra, ao descobrir como a junção das mesmas letras podem formar palavras diferentes e é justamente a surpresa de cada descoberta que faz o leitor valorizar tanto cada aprendizado. Sobre esse aspecto, percebemos que “O interesse do texto lido não vem mais então daquilo que reconhecemos de nós mesmos nele, mas daquilo que aprendemos de nós mesmos nele.” (JOUVE, 2002, p. 131), ou seja, são as descobertas, as novidades recorrentes nas obras literárias e artísticas que impulsionam o admirador ou leitor a buscar cada vez mais referências e conhecimento.

Por outro lado, a leitura não traz apenas novidades sobre outras personagens, outras formas de enxergar as situações e problemas, ela traz também descobertas sobre si mesmo e sobre questões e dificuldades que, por falta de exemplos cotidianos, talvez não conseguiríamos reconhecer. Petit (2018) disserta sobre a felicidade resultante do ato de conhecer e descobrir palavras que abarquem o significado do que sentimos, que nos ajudem, assim, a nos expressar melhor e compartilhar com outras pessoas nossas emoções. É exatamente esse sentimento que acompanha Rosálio durante a obra, o sentimento de felicidade e gratidão por conseguir, de certa forma, a independência de ler e criar novas histórias. Parafraseando Maria (2008), cada nova leitura e descoberta causa no indivíduo a sensação de gratificação, realização. (MARIA, 2008).

O prazer em conhecer cada nova palavra e sentença se apresenta no livro de uma forma muito singular através das cores e de como a vida de Rosálio se mostrou mais colorida

e viva a partir do momento que aprendeu a ler. Essa característica pode ser percebida desde os títulos de cada capítulo, que possuem sempre nomes de cores que são recorrentes, até sua relação com os sentimentos do leitor. É possível constatar essa relação na citação a seguir:

deixa passear os olhos e então vai descobrindo que o cinzento cede espaço aqui, ali, acolá, para manchas de outras cores que antes não enxergava porque a cidade não era lugar de vida para ele, era somente passagem onde veio dar, sem rumo, sem esperar quase nada, só nas suas lembranças e no quarto da mulher é que via o arco-íris dar algum sinal de vida. (REZENDE, 2014, p. 136-137)

Dessa forma, o sujeito leitor-personagem se apresenta como constante desbravador e aprendiz, que comemora cada descoberta. Ele narra a sua felicidade ao expandir seu universo de histórias, conhecimentos e também experiências, como a contação de histórias na praça e a relação de amor e amizade com Irene, que se tornam possíveis apenas através da leitura.

Essa relação tem grande importância no romance. Isso é demonstrado durante toda a obra e, em especial, no seu desfecho, quando Rosálio compara a morte de Irene a um voo, uma partida para outro local. A guará vermelha, que nomeia a obra e que é corporificada em Irene, foi a maior incentivadora para que o personagem também voasse, só que através dos livros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PERCURSO DIALÓGICO ENTRE MARÍLIO E ROSÁLIO

As duas obras analisadas nesse trabalho apresentam diversos aspectos acerca da leitura e do universo da literatura na vida de seus personagens, com suas peculiaridades e características específicas. No entanto, possuem também aspectos em comum que permitem que seja estabelecida uma relação dialógica entre elas.

Partindo de “Ouro dentro da cabeça” (2016), temos a história de Marílio desde o seu nascimento da Furna até o momento em que conhece a velha Naná, moradora de rua que começa a ensinar o rapaz a ler. Durante essa caminhada, o personagem conhece Pajé, a professora Marília, Coxo, entre outras pessoas que fazem parte de sua construção como indivíduo e leitor.

Já a obra “O voo da guará vermelha” (2014), apesar de ter sido publicada sete anos antes, parte do momento em que o protagonista, nesse caso, Rosálio, conhece a mulher que o ensinará a ler e conta a ela todo o seu percurso até o seu encontro. Percurso esse que se assemelha em muitos aspectos à história de vida de Marílio. Se o primeiro se inspirou na professora Rosália para criar o seu nome, o segundo também o fez a partir do nome da professora Marília. A Furna dos Crioulos, em que Marílio nasceu, transforma-se em Grota dos Crioulos para Rosálio e Pajé, homem que apresenta Marílio ao mundo da leitura se torna Bugre em “O voo da guará vermelha”. Outros personagens tem o nome igual nas duas obras, como Donana Veia e o Coxo.

Apesar de todas essas semelhanças, as histórias se constroem singularmente: enquanto “Ouro dentro da cabeça” conta a narrativa do protagonista do seu nascimento até o encontro com sua então professora, a velha Naná, personagem invisibilizada por viver em situação de rua, “O voo da guará vermelha” traz um personagem já mais maduro, lembrando todos os momentos que viveu (e que são narrados no outro livro) enquanto os conta para sua mediadora, Irene, mulher também invisibilizada por ser prostituta, e constrói no presente uma história com ela. Enquanto a primeira obra é finalizada depois do contato com o ensino, a segunda obra parte desse contato para, através da contação de histórias, lembrar tudo o que foi vivido até então. Em suma, uma obra tem como intertexto a outra.

A primeira intertextualidade direta entre as obras ocorre quando Rosálio conta à Irene sobre o lugar de onde veio. Ele descreve que nasceu e se criou debaixo das Pedras do Pecador, no pé de uma serra. As pedras que ali existiam foram colocadas por um homem que pecou

muito e se arrependeu após receber um sinal do arcanjo Miguel (REZENDE, 2014). Já em “Ouro dentro da cabeça”, o episódio é narrado da seguinte maneira:

O lugar de onde eu venho, onde nasci e me criei, fica no pé de uma serra de que ninguém sabe o nome e tem no alto umas penhas: são as Pedras do Perdão. Dizem que aquelas pedras têm o miolo de ouro porque quem amontoou aquilo ali foi um homem, muito rico e pecador, que um dia se arrependeu. Pecou a vida todinha. Todo pecado sabido que um homem podia fazer... ele fez. Conforme a história que ouvi tantas vezes, um dia São Benedito apareceu em seus sonhos. (REZENDE, 2016, p. 11)

O diálogo entre as obras é bastante claro, afinal, ambos os protagonistas nasceram aos pés da serra, com a diferença que Rosálio se cria nas Pedras do Pecador, enquanto que Marílio, nas Pedras do Perdão. Esses dois locais, cujos nomes têm pedras em sua expressão, têm um significado importante, pois ambos remetem a uma imagem de dureza e dificuldade. Porém, no decorrer das duas obras, esses lugares serão transformados em uma espécie de pedra lapidada, de tesouro conquistado, representado pela aprendizagem da leitura e escrita pelos protagonistas.

Os personagens surgem de um mesmo universo onde há carência material e de educação formal, embora o desejo de exercer a cidadania e satisfazer à existência através da palavra não esmorece. Como Volóchinov (2017) afirma, a linguagem tem como principal característica o dialogismo, que explica a eterna adaptação dos enunciados, obras e palavras aos novos cotidianos e sociedades. A história de Marílio/Rosálio, mesmo sendo escrita pela mesma autora e apresentando um fio condutor comum, resultam em diferentes caminhos e induzem o leitor a trilhar junto aos personagens as especificidades de cada narrativa, afinal, o diálogo resulta não apenas do reflexo de conteúdos e características, mas também da sua refração.

Sobre esse aspecto, podemos tomar como exemplo algumas características das obras. Enquanto a referência a personagens como a professora Rosália/Marília e ao amigo Pajé/Bugre apresenta as mesmas características, a figura de Irene e da Velha Naná divergem, pois, apesar de terem nas obras o mesmo papel de mediadoras da leitura, a primeira estabelece uma relação amorosa com o homem, passa a fazer parte de sua vida, em troca dos ensinamentos recebe histórias e afeto. A relação construída pelos dois é narrada e acompanhada pelo leitor, que sofre com a morte da personagem, porém se alegra por Rosálio já conseguir trilhar o seu caminho no mundo das letras e das histórias. A velha Naná, por outro lado, não estabelece uma conexão amorosa com o rapaz, e sim de amizade. Em troca de

seus ensinamentos recebe também histórias e alimento e o romance é finalizado com Marílio ainda muito inexperiente sobre a leitura, muito dependente de sua mediadora.

Perceber como tudo o que foi vivido por Marílio/Rosálio esclarece de que forma o caráter polifônico da língua se mostra: às vezes de maneira mais sutil, ao narrar a admiração por Dom Quixote, cavaleiro e leitor andante que tanto inspirou o personagem em sua busca pela leitura, ou de forma mais explícita ao se basear nos ensinamentos do amigo Gaguinho para trabalhar como contador de histórias. Como afirma Bezerra (2008), a polifonia se trata de saber que cada discurso carrega em si uma multiplicidade de vozes e que todas elas possuem importância equivalente.

O diálogo entre os livros ocorre também a partir do apelo visual, pois a comunicação entre linguagem escrita e imagética estabelece muitas relações de sentido, mesmo que de formas diferentes em cada obra. Em “O voo da guará vermelha”, a referência ao visual tem início no título, a partir da cor vermelha. A presença cromática permanece em toda a obra, em cada capítulo, estabelecendo relações com a história. Já em “Ouro dentro da cabeça”, a relação se estabelece tanto pela presença da cor dourada nas descrições, associada ao tesouro da leitura, quanto pelas ilustrações, que remetem a fatos da história e a defesa da leitura como preciosidade, por meio de imagens de chaves e fechaduras junto às letras. O papel fundamental do caráter visual nas obras confirma as palavras de Lígia Cademartori (2008), ao defender que utilizadas em conjunto, as duas formas de comunicação são capazes de propiciar diversos níveis de compreensão no leitor, afinal, se por um lado, a escrita possibilita a linearidade da leitura, o acompanhamento mais lento de seus fatos, a imagem possibilita a compreensão simultânea, forte, imediata, provocando no leitor reações diversas.

Além disso, a ideia geral de leitura defendida nas duas obras também dialoga: ela é vista como chave, porta para um mundo diferente, em que o sujeito possa viver muitas vidas em uma só. É a possibilidade de tornar-se não uma pessoa superior, mas sim consciente de si e do mundo, da multiplicidade de possibilidades e de direitos que cada indivíduo possui. Para Marílio, a leitura torna-se tesouro em sua mente, tesouro único e que ninguém pode roubar. Para Rosálio, a leitura é o maior presente que já recebeu, é “uma chave milagrosa para abrir a sua caixa e, mais do que a própria caixa, as histórias que estavam presas nos livros.” (REZENDE, 2014, p. 70). Com base em todos esses aspectos, chegamos a algumas conclusões.

As duas obras trazem em si grande potencial de identificação, permitindo ao leitor reconhecer-se nas personagens, que são também leitoras e buscam alcançar experiências para além do seu cotidiano. Acompanhar o trajeto de Rosálio e Marílio permite ao leitor

sensibilizar-se com a tentativa de uma busca que todos nós possuímos em algum momento de nossas vidas, seja em relação à leitura, ao conhecimento no geral, ao amor, aos sonhos, etc. Perceber que não se está só no mundo, através da metalinguagem utilizada pela autora, é um fator importante para o diálogo e a identificação tão presentes nas obras.

Ademais, a defesa da leitura como direito do ser humano, como ato político de apropriação, empoderamento e construção de uma sociedade mais justa, se apresenta de maneira clara, afinal, Rosálio e Marílio são a prova de que a leitura pode revolucionar uma vida, uma comunidade, um futuro. Trazer como protagonista das obras um personagem que, inicialmente, não possui a cultura letrada, mas busca com todas as suas forças ultrapassar as barreiras que lhe foram impostas desde o seu nascimento, nos faz pensar em como a leitura pode ser revolucionária, mas também em como a ausência da habilidade leitora ainda é motivo e perpetuadora de injustiça.

Isso porque ainda hoje, a leitura possui um valor superior na sociedade: enquanto pessoas letradas decifram o mundo e conseguem com mais facilidade construir interpretações embasadas, os não leitores são privados desse conhecimento, do acesso a diversos conteúdos, histórias, experiências e conseqüentemente, sofrem discriminação e são excluídas de círculos sociais e culturais, sendo destinados a posições e trabalhos em que não são valorizados intelectualmente, mas apenas fisicamente. Conseqüentemente, as ocupações que exigem do indivíduo maior esforço intelectual são destinadas a pessoas das classes mais altas, enquanto as mais desgastantes e mal remuneradas são destinadas às comunidades mais pobres. Esse estado cíclico estagna o acesso à leitura e impossibilita parte da população de ter o contato com a literatura, fazendo-a acreditar que esse tipo de hábito não faz parte de sua possibilidade, de seu cotidiano e nunca poderá fazer.

Para romper com essa estrutura injusta, é necessário que todos os indivíduos, em especial aqueles que sempre foram marginalizados ao decorrer da história, percebam que são importantes e que podem, se assim quiserem, alçar voos sobre diferentes lugares, culturas, experiências, histórias. É exatamente o que Rosálio e Marílio fazem, buscando encontrar sentido no mundo e compreender a si mesmos, mediante o domínio de um saber que, muitas vezes, ainda é pouco valorizado por parte da população mais pobre: a competência de leitura e escrita. Os personagens, quando escutam novas histórias, conhecem novos personagens e visualizam o universo de opções que possuem, passam a reconhecer que seus desejos têm importância e são passíveis de serem realizados.

Além disso, o encontro com a leitura nas obras surge em lugar inesperado, no afeto de duas mulheres marginalizadas e invisibilizadas pela sociedade e que mostram terem também

importância e, principalmente, voz. É através dos ensinamentos, da paciência, do contato com Irene e a velha Naná que Rosálio e Marílio finalmente alcançam o seu objetivo de aprender a ler e podem então seguir os seus caminhos. Existe nessa relação a quebra de paradigma tanto no recorte de gênero, quanto social, afinal, o conhecimento parte da mulher humilde e se apresenta como a maior riqueza que o protagonista poderia receber, dessa forma, a obra demonstra a defesa de leitura como um bem precioso, mas que pode ser acessível a qualquer pessoa, independentemente de sua cor, classe, orientação ou gênero, desmistificando a noção de que leitura pode ser aprendida apenas em instituições oficiais e insistindo na ideia de que todos somos capazes de ensinar e aprender.

Mais um aspecto interessante é que o ensino na obra não ocorre de forma estagnada, imposta, utilizando conteúdos alheios às vivências de Rosálio e Marílio, mas se utiliza de aspectos do seu dia a dia, do seu conhecimento de mundo para a construção de relações que façam sentido em suas vidas. Essa visão é uma forte característica sobre a maneira como a leitura é vista pela autora nas obras referidas: enquanto um processo de aprendizagem que deve ser construído não aleatoriamente, com conceitos apenas da cultura dominante, mas, como afirma Freire (1989), a educação deve partir também de aspectos da ideologia popular, permitindo assim a valorização também dessa cultura e, conseqüentemente, uma maior identificação com o mundo das letras por parte dos leitores.

Outro ponto importante, como afirmado, é a intertextualidade entre as duas obras: enquanto “O voo da guará vermelha” apresenta trechos de experiências passadas de Rosálio intercaladas aos momentos presentes vividos com Irene, “Ouro dentro da cabeça” apresenta os trechos citados na outra obra, mas dessa vez no presente, de maneira a conectar cada uma dessas narrativas. Dessa forma, as leituras se apresentam como diálogo ativo entre os enredos e personagens, usando referências, recriando fatos, interligando situações e estabelecendo conexões entre autor e leitor, obra e mundo, permitindo ao indivíduo construir sentidos em cada obra particularmente e em conjunto e ao mesmo tempo perceber que nas duas maneiras, cada personagem possui uma infinidade de vozes e enunciados presentes em seu discurso. A intimidade de boa parte deles com a contação de histórias só evidencia o caráter polifônico das obras.

Por fim, a leitura e a análise dos romances nos permite enxergar como a leitura pode transformar o indivíduo, torná-lo múltiplo, crítico, consciente, possibilitar que confie e acredite nos seus sonhos e perceba que é possível se aventurar e conhecer novos mundos, independentemente de suas origens. Nos possibilitam enxergar que todo indivíduo é capaz e tem o direito de ser quem deseja ser, seja inspirado em um amigo ou personagem como Dom

Quixote; que a identificação com uma obra não se trata apenas de reconhecer semelhanças em um personagem fictício, mas conhecer mais de si mesmo, de quem está ao seu redor, da sociedade em que se vive; reconhecer que a leitura pode ser transformadora, humanizadora e política, uma vez que encoraja o indivíduo a reconhecer-se como sujeito pensante, capaz e importante no mundo. As obras nos permitem não só ler, mas também constatar que o poder da leitura é revolucionário.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. Lisboa: Edições 70, 1973.
- BEZERRA, P. Polifonia. Palavra. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, p. 20-28, 2002.
- BORDIEU, P.; CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, R. **Práticas de Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases** - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- CADEMARTORI, L. Para não aborrecer Alice: a ilustração no livro infantil. In.: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda, (organizadoras). **Literatura Infantil**: políticas e concepções. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- CULLER, J. **Teoria Literária**: uma introdução. Tradução: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.
- FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GERALDI, J. W. Prática da leitura de textos na escola. In: ____ (org). **O texto na sala de aula**: leitura & produção. 2 ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.
- JOHANN, G. **O leitor adolescente em Querida**. Revista de Letras, Curitiba, v. 19, n. 24, p. 132-142, mar. 2017.
- JOUVE, V. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: Aspectos Cognitivos da Leitura. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- MARIA, L. de. Leitura: uma concepção política. In.: _____. **Leitura & colheita**: livros, leitura e formação de leitores. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Maria Valéria Rezende. Disponível em:

<<https://www.mariavaleriarezende.com/biografia>>. Acesso em: 27/10/2020.

MENEZES, A. B. de. Do poder da palavra. **Remate de Males**, Campinas, n. 7, p. 115-124, 1987.

PENNAC, DI. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, M. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2012.

REZENDE, M. V. **Ouro dentro da cabeça**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

REZENDE, M. V. **Outros Cantos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

REZENDE, M. V. **O voo da guará vermelha**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

REZENDE, M. V. **Vasto Mundo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed.rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

Significado de Pajé. **Dicio**: Dicionário Online de Português. Disponível em:

<<https://www.dicio.com.br/paje/>>. Acesso em: 27/10/2020.

SOARES, M. B. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In.: SILVA, E. T.; ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SOUSA, M. E. V. Desnaturalizando o discurso sobre a leitura. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. **Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. João Pessoa: Idéia, 2009. v. 1. p. 2267-2271.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.